

Contributos - Reabilitação do prédio Alvarenga e edifício dos serviços técnicos e áreas exteriores

Nº	Comentário
1	A intervenção poderia fazer sentido caso se traduzisse numa mais valia para a cidade e para o município. Não me parece ser o caso. Não vislumbro benefícios para a cidade neste projecto. Parece um caso típico de "projecto para encher chouriços". Das duas uma, ou a CM Torres Novas descobriu um poço de petróleo ou não entendo o porquê desta proposta.
2	Concordo com a recuperação deste conjunto que devia ser aproveitado para disponibilizar alojamentos temporários de emergência (ATEs) de tipologia T0 ou T1, equipados minimamente para fazer face a situações transitórias até um máximo de 6 meses. Podia ter como valência extra um balneário para proporcionar cuidados de higiene a pessoas que não dispõem de condições nos seus domicílios.
3	É bom que se reabilite edificado, mas melhor seria se tivessem um plano definido para os mesmos, pois pelo que se viu na apresentação não se sabe bem para o que vão servir além da Feira Medieval/Quinhentista. Irem gastar tanto dinheiro e não terem um plano para este edificado revela alguma desorientação e incompetência da parte dos responsáveis pelo PEDU. Se querem colocar um Restaurante na Alcaidaria do Castelo e outro na Central do Caldeirão, acho exagerado abrirem um outro Restaurante no edifício 2.
4	É, inequivocamente, uma ideia muito interessante e com visão, uma vez que será uma mais valia para esta zona da cidade. Deviam, aquando a reabilitação dos edifícios, utilizar materiais nobres que fossem ao encontro da época em que os mesmos foram construídos.
5	Em relação a ocupação deste edifícios, acho descabido a ocupação para restaurantes. Torres Novas não tem e nem vai ter turismo, que justifique este investimento.
6	Fará sentido investir dinheiro num novo edifício, quando em breve se prevê a deslocalização da câmara, para o Convento do Carmo ? não seria melhor apenas demolir , ficando assim um espaço aberto que podia ser aproveitando para estacionamento , que essa zona tanto carece e também a quando da feira medieval poderia ser uma mais valia .
7	Gostei imenso da ideia que devolve a dignidade ao edifício.
8	Intervenção com excelente potencial para o concelho. Parabéns
9	Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem . Parabéns
10	No edifício defronte da entrada da Câmara, morei desde 1955 a 1970, portanto conheço melhor que ninguém todo aquele espaço envolvente. Nessa altura, dentro da Cerca, havia perto de 100 crianças ali residentes. Hoje não há nenhuma (?). É urgente requalificar este espaço de maneira a que volte a ser habitado. Deverão obrigar os proprietários das casas reconstruí-las com incentivos ou com taxas pesadas. no que diz respeito aos quatro edifícios do lado direito das escadinhas da rua de S. Maria, a minha opinião é que sejam deitados a baixo e aproveitar todo aquele espaço incluindo os quintais, para jardim ou uma bela Praça. Do lado esquerdo destas mesmas escadinhas, apesar de pertencerem a particulares, não muita volta a dar a não ser ou a demolição ou uma construção sóbria. Um estudo mais aprofundado, julgo que encontrariam neste local vestígios de uma Basílica que se diz ter sido arrasada e subterrada pelos mouros. No edifício Alvarenga e dos antigos depósitos, aproveitá-los para um miradouro panorâmico e um museu dedicado à água e ao abastecimento da mesma a Torres Novas. (Ver o meu artigo no O Almonda)
11	No geral o estudo prévio prédio Alvarenga parece interessante, mas quanto ao uso não considero a melhor solução. Proponho uma alteração ao uso e nos edifícios anexos também. A solução proposta pela ADPTN parece ser muito interessante e no geral merece o meu apoio.
12	O Castelo e a Cerca, é o espaço ideal, para atrair o turismo, que vem visitar a nossa zona. Quem visita Fátima, Tomar ou a Feira do Cavalo, também pode aproveitar e vir até nós. Já cá temos duas lindas Igrejas, a capela da Museu, reconstruir a capela à entrada do Castelo, temos um belo Museu, temos possibilidades de criar outros museus, quando dali sair a Câmara e quando se reconstruirmos edifícios da autarquia. Aproveitar também o espaço da antiga Escola Industrial para museus. Já existe um Hotel e restautante neste espaço. Incentivar que particulares criem-se um outro Hotel com restaurante panorâmico (na actual sede do PSD), com ligação por elevador subterrâneo ao Jardim das Rosas, onde também poderia ficar a recepção deste mesmo Hotel. Que bela entrada ou saída do Hotel, logo com o maravilhoso Jardim à nossa frente. Concessionar o espaço superior do Castelo, (restaurante), que seria servido pelo monta-cargas e elevador, a partir da Rua 1º de Dezembro, conforme já referi noutro meu comentário. Ainda criar-se um restaurante panorâmico por baixo do cruzeiro, também para concessionar. Depois outros restaurantes iriam surgindo à medida que o turismo fosse crescendo. Também apareceriam casas comerciais para apoio ao turismo e assim, passaríamos dum espaço morto e abandonado à salade visitas de Torres Novas. Ainda para dar vida ao espaço, porquênão um protocolo com a Associação de Comerciantes criar-se a semana ou quizena do Cabrito, da Morcela com grelos, da Fataça, da Enguia, do Chicharo (estudem a história desta aldeia do nosso concelho e vejam se não era de lhes dedicar uma semana gastronómica), a semana ou quizena de produtos ligados à nossa agricultura. Além da Feira Medieval e da Feira dos Frutos Secos, poder-se-iam criar outras Feiras, também ligadas à nossa agricultura e não só, como do Figo, da Amêndoa, da Uva, do Tomate, da Olaria, da Flor. De certeza que haverá mais ideias para outros motivos. Incentivem também a continuação das escavações da Igreja de S. Maria que irão dar os seus frutos e mais intresses para o turismo, que o país está ter turismo. Há que aproveitar a onda avassaladora de turismo, que o país está a ter. Façamos dum pequeno pormenor um intresse grande para o visitante. Aprendamos com os nossos irmãos espanhóis que nos últimos anos revolucionaram as suas terras quase desconhecidas em grandes centros de turismo. A aposta que se fizer hoje será válida para dezenas de anos e para enriquecer a nossa terra. Luís Ribeiro'

Contributos - Reabilitação do prédio Alvarenga e edifício dos serviços técnicos e áreas exteriores

13	O projecto do prédio do Alvarenga , talvez por se posicionar mais no âmbito da requalificação arquitectónica e portanto num campo de intervenção espacial mais restrito justifica o benefício da dúvida, sendo difícil fazer grandes avaliações, dada a escassez de informação, resumida a uns breves desenhos ou legendas programáticas .
14	Que utilização se pretende dar ao edifício? Os serviços municipais vão manter-se no edifício 2? À partida os esboços apresentados parecem interessantes. Dada a centralidade e quota elevada do local, porque não instalar ali uma pousada de juventude e um conjunto de estúdios para arrendamento direccionado para aqueles que vem trabalhar por algum tempo na nossa cidade. Há que potenciar o miradouro e os jardins, dando continuidade ao jardim existente por detrás do edifício do município. Arborizem o o jardim, pois o usufruto das sombras convida à utilização, especialmente com o bom tempo.'
15	Respeitando os traços originais e salvaguardando o factor histórico, projecto bem concebido. Quanto às finalidades do edifício, e em obediência ao factor histórico do concelho, as mesmas apresentam-se muito adequadas.
16	Torres Novas é uma cidade rica em história mas, na minha opinião ainda bastante fechada ao turismo cultural. A localização deste projeto parece-me muito apropriada para um centro de interpretação e história local (vertente interativa por exemplo).A proximidade ao Castelo, a localização num ponto alto e panorâmico da cidade, entre outros podem potenciar a nossa cidade como ponto de atração e estadia do turista.Sempre me lembro de ver este edifício degradado e é com agrado que vejo este projeto.
17	Uma Reabilitação deve privilegiar a oportunidade de cativar jovens para os espaços antigos. Este seria oportuno para habitação jovem.
18	Ed. 1- No que diz respeito ao "Prédio Alvarenga" não considero relevante a sua recuperação. Ed. 2 acho bem a sua recuperação, mas em relação à rua 6. Vasconcelos Correia, acho que é de mau gosto, o que é proposto fazer. O material que é suposto utilizar não tem nada a a ver com a realidade local, penso que nenhum torrejano gostaria de ver a rua/chão pintado de cor-de-rosa.
19	Viva a zona histórica da nossa cidade.
20	Para contribuir para a perservação do centro histórico, o projeto representa uma útil intervenção, pese embora as falhas técnicas apresentadas no anteprojecto.
21	Concordo .
22	A localização e a estrutura do edifício 2, incluindo o respetivo pátio/jardim, são ideias para a instalação de um Hostel, equipamento que tem um público-alvo diferente dos hotéis e com elevada capacidade de potenciar o turismo e dar vida ao local.
23	Criar uma cantina para os sem abrigo e para famílias necessitadas.
24	Acho que o prédio Alvarenga não deve ser reabilitado, mas sim vendido.
25	Ok.
26	Projeto necessário e com impacto relativo na malha histórica. Carece de maior sensibilidade histórica mas tem pertinência. E o mais viável dos projetos embora a revisão do mesmo a nível programático tenha que ser revista.
27	Estas intervenções na minha opinião são bastante pertinentes e a necessitar de obra de requalificação. O edifício um "prédio Alvarenga" gosto da solução exterior proposta pela equipa da empresa UTOPIA, relativamente ao uso proponho uma alteração ao uso para edifício. No edifício dos serviços técnicos e áreas exteriores, proponho a alteração do uso. Este conjunto de edifícios poderá dar continuidade/complementariedade ao uso do "edifício Alvarenga". Este espaço tem potencial para um Hostel e pela potencialidade do conjunto de edifícios e jardins anexos teria um conceito diferenciador relativamente aos hotéis existentes na praça 5 de Outubro ou então por exemplo servir para sede das colectividades do concelho já que muitas delas nem sequer tem sala para trabalhar, esta proximidade poderia potenciar trabalhos em conjunto e dinamizar a cultura/desporto ou outra actividade por elas representada.
28	As propostas não servem o interesse da fixação de pessoas no Centro Histórico. Autarquia através de parceria deve reabilitar os edificios de modo a serem utilizados como habilitação social. Só assim se manterá a história e a memoria daquela zona.
29	O edifício 1 seria um bom local para se construir um hostel, pois está bem localizado, e melhoraria o turismo em Torres Novas, pois no centro só existem 2 hoteis que os preços podem não ser acessiveis para todos os turistas.
30	Concordo pois pode ser importante para haver mais espaços verdes e no caso do Edificio 1 haver condições de habitabilidade.

Contributos - Reabilitação do prédio Alvarenga e edifício dos serviços técnicos e áreas exteriores

31	O plano estratégico está ótimo e cheio de grandes ideias, apesar de não fazer parte, era ótimo para nós, alunos, investirem no ensino escolar, e reconstruir a escola.
32	Extremamente necessário para apoio da feira medieval, no entanto pouco útil diariamente.
33	Acho que deveriam pensar mais nas salas que vão ter podiam meter salas relativamente a temas e não simplesmente de estudo ou convívio.
34	De acordo. Há que recuperar o edifício.
35	Concordo porque é uma parte da cidade que está degradada e que merece alguma construção, pois a nível visual fica tudo mais equilibrado.
36	Mesmo tendo em conta a necessidade de recuperação do edifício, penso que a intervenção será demasiado elevada em termos monetários para a mais valia do "edifício-local".
37	Neste espaço eu idealizava um dos edifícios um ginásio municipal, substituindo o atual dentro dos edifícios municipais das piscinas Fernando Cunha e no outro edifício um armazém para eventos locais (feira medieval, festas da cidade).
38	Nada tenho a obstar que o conjunto edificado seja reabilitado e, como tal, sugiro que o atual edifício dos Paços do Concelho e construções anexas que servem de apoio aos serviços municipais não sejam estes deslocados para o antigo Convento do Carmo. Em muitas vilas e cidades que tenho visitado, os Paços do Concelho situam-se no coração dos respetivos centros históricos e são o principal fator de atração de gente ao casco antigo. Alterar isto é matar de vez esta zona de Torres Novas. Quanto ao edifício do extinto Convento do Carmo sugeria uma discussão pública quanto ao destino a dar-lhe, dado que, no respetivo financiamento não se destinava a Paços do Concelho.
39	Evitar a criação de espaços multiusos ou polivalentes: Deixar os espaços amplos para a ideia do "logo se vê" é francamente prejudicial económica e funcionalmente. Por outro lado, deixar as áreas totalmente preparadas com todas as infraestruturas necessárias para todo o tipo de usos é pouco razoável e dispendioso. / Manutenção da ideia do "núcleo interpretativo sobre Torres Novas", em coabitação com uma área expositiva de arqueologia: Perante a inexistência de espaço no museu municipal para a inclusão de material arqueológico recentemente trazido a descoberto (como os achados do antigo hospital "convento do Carmo" ou os da praça do peixe), encontra-se neste edifício espaço privilegiado para criar um lugar de conhecimento sobre Torres Novas, história e território. / Adscrição do espaço para reserva visitável de elementos arquitetónicos/arqueologia: A reserva visitável constitui-se como mais um ponto chave na lógica do quarteirão cultural, eixo entre o castelo e o museu. Com a reserva visitável poder-se-á acautelar, por exemplo, a conservação dos elementos arquitetónicos atualmente expostos no pátio do museu e de outros. Esta tipologia de lugar visitável não obriga às necessidades de um museu, estabelecidas pela lei. Assim sendo, é menos onerosa e fácil manutenção. / Criação de uma área de trabalho para as funções de estudo, conservação e acondicionamento dos materiais: Espaço óbvio para a associação funcional entre os espaços visitáveis e de trabalho, podendo os técnicos afetos ao local dar apoio a ambas as valências. Solução para a falta de espaços de trabalho na casa Mogo de Melo, atual edifício do museu municipal. / Manutenção do rooftop bar: Lugar de conforto para os visitantes do núcleo interpretativo. Preparar a zona do bar e esplanada para que possa estar aberto após o horário de funcionamento dos restantes espaços e em todas as estações do ano. / Propostas para o jardim, tendo em conta que esta zona pode, eventualmente, vir a incorporar os achados os trabalhos arqueológicos no local. (a) Anfiteatro, devidamente preparado para receber espetáculos (b) Jardim, com mobiliário minimalista e confortável: zona devidamente enquadrada, conservando a memória do lugar de forma aprazível e de fácil comunicação com os utilizadores (A) Área de descanso e de lazer cuja utilização é potenciada com oferta artística. (B) Zona de descanso a pensar, especialmente, nos visitantes do núcleo interpretativo de Torres Novas. / Evitar a criação de espaços multiusos ou polivalentes: Deixar os espaços amplos para a ideia do "logo se vê" é francamente prejudicial económica e funcionalmente. Por outro lado, deixar as áreas totalmente preparadas com todas as infraestruturas necessárias para todo o tipo de usos é pouco razoável e dispendioso. Abandonar o conceito "oficinas temáticas" - A feira medieval não é um evento estruturante na vida da cidade, logo não se pode ser o eixo funcional de um edifício. / Disponibilizar salas para associações de caráter cultural ou agentes culturais informais. Solução para a falta de sedes, espaços de reunião ou trabalho para as associações dedicadas à defesa do(s) património(s). Sugere-se que as associações grupos partilhem espaços e que possa haver uma sala de reuniões que deve ser gerida entre os grupos aí instalados- Colmatar a falta desta oferta turística em Torres Novas poderá potenciar a chegada/pernoita de novos visitantes à cidade. / Manutenção da ideia de alojamento, mas como hostel. Restauração: abandonar a ideia das pequenas tascas. A manter a zona de restauração sugere-se que esteja agregada ao hostel: O espaço de restauração deve ser repensado numa lógica de apoio ao hostel.

Nº	Comentário
1	Penso que se deverá usar para as calçadas matérias-primas da região (calcários) e Não a pedra rosa proposta no esboço.
2	A intervenção deveria ficar circunscrita ao Terreiro de Santa Maria e eventualmente ao Largo do Salvador. O mau estado de edifícios e as características da R António César Vasconcelos Correia, desaconselham o investimento proposto no pavimento. Tanto no Terreiro de Santa Maria, como no Largo do Salvador, é importante tornar mais verdejante o espaço público com relva, arbustos, árvores de folha perene e bancos com sombras para que os utilizadores dos espaços, usufruam calmamente o local e a vista nomeadamente para a Praça 5 de Outubro. A ausência de sombras e espaços verdes, tornará aqueles espaços vazios, especialmente nos muitos dias de sol de Verão, quando o tempo convida para a vida ao ar livre. '
3	A intervenção junto à Igreja do Salvador parece desadequada, considerando que o centro da cidade de Torres Novas já tem carência de espaços verdes a todas as escalas, desde o pocket park ao de maior dimensão, e a intervenção proposta só vem agudizar essa realidade.
4	A reabilitação do Lago de Salvador é totalmente desnecessária e já custou ao município 50.000 Euros. Utilizem a verba prevista para este projecto para adquirirem casas devolutas e degradadas no centro histórico para as reconstruir e posterior venda ou arrendamento. O centro histórico só é recuperável e viável com pessoas a viver lá. A recuperação de habitações deveria ser a prioridade para o centro histórico. O município tem a obrigação de gerir melhor cada euro disponível, seja de fundos comunitários ou não... Que adianta pintar a cara se o coração está muito doente e não se cuida dele?
5	A solução relativa à Igreja está bem conseguida. Seria interessante a colocação de mais sombras, nomeadamente com a plantação de mais árvores no local.
6	Antes de mais, denota-se a sobreposição de um projecto apresentado com outro. Isto é, no projecto do acesso ao castelo, há uma intervenção que se sobrepõe a um espaço tido dentro dos limites desta intervenção. A relação entre as duas é nula, no entanto, a intervenção passa da adjacência para a sobreposição e nada disso é tido em conta na apresentação dos projectos. Fora isso, mais uma vez me manifesto contra um projecto pouco sensível, descabido e sem nada que de facto nos possa servir de forenquanto cidadãos. Gostaria de deixar a pergunta a quem se lembrou de propor o pavimento em brita de tijolo, se tem a noção de estar em Torres Novas. É que, apostando numa materialidade desse tipo, diria que mais depressa isto se enquadraria numa qualquer cidade do oeste português, onde as cerâmicas têm grande passado... A relação entre os materiais da zona do Castelo e os proposto é, na maioria das vezes, chocante. Ao nível dos próprios materiais, como o granito rosa, assim como às diferenças cromáticas gritantes entes os mesmos. Vide o choque entre a alvenaria do castelo e a brita de tijolo proposta para o arruamento...'
7	Concordo que se intervenha no Terreiro de Santa Maria, mas os esboços feitos para esse local são no mínimo anedóticos, um local que tem todas as potencialidades para ser um local onde a população ou turistas possam apreciar a vista e descansar um pouco da subida para o Castelo ou após a visita ao Castelo, mas para isso deveriam de plantar mais árvores e colocar uns bancos de jardim, podendo na mesma ter ali algo para interpretação do que ali existiu em tempos. A utilização de granito rosa além de mau gosto não é material que exista na nossa região, deveriam de optar por matéria prima da região. O esboço para o Largo do Salvador é também muito infeliz, existem tantos locais bem mais prioritários no centro histórico, não percebo o porquê de uma intervenção deste cariz, acho um exagero de "socialcos" em pedra , quanto a mim bastaria beneficiarem o piso que está um pouco em mau estado e a colocação de uns bancos de jardim para quem queira ali descansar na sombra das árvores. '
8	Concordo, plenamente, com a reabilitação desta zona da cidade, uma vez que em termos patrimoniais é, indubitavelmente, muito importante.
9	Consideramos que a intervenção proposta no esboço / estudo prévio para o Largo do Salvador é desajustada ao local e à sua utilização prevista. A deslocalização do largo para o lado oposto ao actual, e como consequência, da estrada parece-nos contraditória com a recuperação prevista e utilização futura do Salão do Salvador. Criar um largo com vários degraus e desníveis seria disfuncional e impeditivo para cadeiras de rodas, carrinhos de bebés e pessoas com mobilidade reduzida (ex. idosos). Inclusive Inclusive para crianças, sendo que está prevista a utilização do Salão do Salvador pelos escuteiros. Além disso, planejar o Largo do Salvador sem árvores não faz sentido. Portugal em geral e Torres Novas em particular, é muito quente durante o Verão. Portanto, as praças e largos, para serem utilizados, devem ter sombra, de preferência natural. Não faz sentido que um largo, onde já existem árvores com alguma idade, deixe de as ter. Além disso, elas pertencem à identidade do local, retirá-las seria desfigurar aquele largo. No fundo, defendemos que não deveria haver nenhuma intervenção de fundo na praça, além do nivelamento e ajuste da calçada existente. Não parecem existir queixas sobre a praça que justifiquem uma intervenção tão profunda. Os fundos seriam melhor aplicados noutros locais da cidade, inclusive dentro das duas ARU's da cidade de Torres Novas. Não entendemos a proposta de utilização de granito rosa na rua General António César Vasconcelos Correia. Para a repavimentação desta rua, seria preferível granito escuro ou calcário (a dar preferência a um material da Serra), dando até continuação do tipo de piso da Rua de Gil Paes e Rua do Salvador. Assim, seria criada uma linha coerente e identitária nesta zona da cidade. Aproveitando a repavimentação da rua em causa, deveria ser colocada uma faixa em material de menor atrito para facilitar a deslocação de cadeiras de rodas e carrinhos de bebé - já é uma boa prática estabelecida em outros projectos semelhantes, inclusive em ruas e aldeias históricas. Nuno Curado - Biólogo, MSc em Biodiversidade e Sustentabilidade Sabrina Carvalho - Bióloga, PhD em Ecologia (e moradores no centro de Torres Novas) '

Contributos -

Reabilitação do Espaço Público: Terreiro de Santa Maria, Rua António César Vasconcelos Correia, Largo do Salvador

10	Deveriam os fundos existentes do PEDU permitir a que os proprietários das casas da Rua António César Vasconcelos Correia, ou qualquer outra rua do Concelho com casas devolutas ou em risco de ruir, efectuem as obras necessárias pagando a Câmara parte ou a totalidade dos juros consoante a área útil e condições financeiras do proprietário. Uma cidade não vive verdadeiramente sem aldeias punjantes de atividades agrícolas, turísticas ou industriais.
11	Dos piores projectos apresentados, fora de contexto, o projectista não entende que Torres Novas está integrada numa região calcária, parece ser apenas uma forma de gastar dinheiro. Não traz nenhuma mais valia, inclusive prejudica os utilizadores habituais.
12	Em relação ao Largo do Salvador, para além da arrogância demonstrada pelo Sr. Arquitecto na resposta as críticas, acho que não deve ter este tipo de intervenção, é descabido, para não falar no custo da obra, a rua está a passar quase junto do edifício "Salão do Salvador", o que coloca em risco a segurança das crianças e adultos que se juntam todos os fins de semana, nomeadamente escoteiros. Esta solução nunca poderá ser implementada. Porque calçada de granito rosa? é por ser mais caro. Portanto não concordo.
13	Embora se apresentem apenas uns desenhos genéricos, a ideia parece-me bem.
14	Enquanto moradora no Largo do Salvador considero esta intervenção mal concebida não respeitando os moradores nem visitantes .Esta proposta desvirtua o carácter vivencial deste Largo tornando-o num local opressivo de estética duvidosa ,utilidade nula com uso de materiais desajustados (escorregadios com humidade e fonte de extremo calor nos dias estivais) excesso de desníveis potenciando acidentes por falta de segurança, dificuldades na circulação pedonal, dificuldades de acesso para utentes de mobilidade condicionada, poucas árvores etc .etc. etc...Uma lástima e um desperdício de dinheiro público.'
15	Este estudo prévio é pouco interessante e no mínimo substituir o granito rosa por calcário da nossa Serra de Aire. Sugiro que não se reduza os lugares de estacionamento e não a redução do mesmo para potenciar a subida das pessoas a esta zona. A solução proposta pela ADPTN parece ser muito interessante e no geral merece o meu apoio.
16	Excelente ideia de desenvolvimento da área da "Rota Alta" de Torres Novas
17	Isto é continuação do meu comentário anterior e relativamente a rua General Vasconcelos (Mudar o nome para a anterior que era Rua dos Condes e que tem mais a ver com espaço, mais ligado à monarquia do que à Republica).O edifício, onde actualmente é a sede do PSD, é um belo espaço, para um Hotel, com uma comunicação para o Jardim das Rosas, através dum elevador subterrâneo, onde seria a entrada e recepção do mesmo, uma vez que foram criadas condições neste Jardim das Rosas, para, por exemplo ali poder entrar um autocarro, através da ponte junto aos WC da avenida e onde existe um espaço para estacionamento (E porque não um estacionamento subterrâneo para o hipotético hotel).'
18	Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem . Parabéns
19	Largo de Salvador.-Uma vez que o adro da Igreja, que dá acesso ao Cruzeiro é espaço público, podia-se aproveitar este espaço, para aí construir um estacionamento subterrâneo de apoio aos futuros moradores desta zona e ao mesmo tempo com uma ligação à parte inferior do cruzeiro, onde se poderia construir um restaurante panorâmico, para concessionar. Aproveitava-se o terreiro da antiga Escola Industrial e comestes três espaços (Largo + adro + terreiro),poder-se-ia fazer uma praça bem maior. Eu não sei desenhar mas os arquitectos conseguem desenhar uma grande e bela praça. A partir desta grande e bela praça fazer-se a entrada principal, (a nível do solo) e única do Museu (substituindo a actual, que tem uma escadaria de acesso muito cansativa). Trancava-se o portão da Ladeira e nesse espaço poderiam ficar a céu aberto peças que se coadunassem com esse espaço.Julgo que assim o Museu, ganharia muito mais visitantes.Em qualquer dos edifícios do espaço que fica dentro da Cerca Fernandina a Câmara deveria dar benefícios e criar incentivos, para a recuperação dos mesmos onde se arranjassem no r/chão, espaços para comércio e nos outros pisos para habitação '
20	No Terreiro de S. Maria, por favor não deixem construir, nada para acesso ao Castelo. Não fabriquem nenhum mamarracho para aceder ao CasteloContinuar com as escavações da Igreja de S. Maria. Ali por baixo, julgo que poderá haver um mosteiro ou igreja destruída pelos mouros e depois soterrada.Subsidiar a Misericórdia para a reconstrução da Capela do Castelo, onde poderiam fazer um museu de arte sacra.Concordo que se possa embelezar o espaço em si.

21	<p>O FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens, tendo por base a informação disponível referente ao PEDU para Torres Novas, vem por este meio procurar dar o seu contributo na presente discussão pública, esperando que as futuras intervenções, para além de permitirem melhorar a fruição do espaço e valores naturais em presença por parte do cidadão, possam manter a sua função ecológica, nomeadamente no que respeita ao contínuo fluvial essencial para a manutenção de espécies da flora e fauna, assim como no que respeita aos serviços de ecossistema prestados pelos sistemas de água doce, como é o no caso concreto o rio Almonda. No que respeita à proposta em si, existem alguns aspetos para os quais tecemos algumas considerações. Ao nível da flora, não existindo um conhecimento concreto sobre o destino do restante conjunto arbóreo presente nas actuais áreas ajardinadas, será importante que em caso de necessidade de abate e substituição de espécimes, seja estudada a opção de instalação de espécies de árvores e arbustos autóctones, mais adaptadas ao clima e condições locais, e portanto, exigindo menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo, e cuja valorização no que respeita à biodiversidade local é maior. Para finalizar, relativamente aos caminhos pedonais previstos, seria importante estudar alternativas ao betão, que sejam mais ecológicas permitindo maximizar a infiltração nestas áreas verdes, sendo expectável que existem alternativas mais favoráveis ao nível económico e ambiental. 16 de Fevereiro de 2017 A Direcção do FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens Patrícia Silva e Cheila da Luz (delegadas FAPAS - Torres Novas)</p>
22	<p>O proposta de requalificação do Largo do Salvador é um projecto sem sentido, absurdo no seu conceito, desrespeitador da memória histórica do lugar, formalmente incompreensível, construído com materiais inadequados para a fruição do espaço. O cliché do espelho de água (?) servirá certamente para contrabalançar a carga térmica que tais materiais comportam. O largo do Salvador tem a memória da Igreja, das escolas do ensino primário e secundário e do antigo mercado de olarias, do salão paroquial, dos jogos de futebol no adro da igreja e das fotografias das classes escolares tiradas nos seus degraus, das idas furtivas ao cruzeiro, etc. Então não se poderá nunca mudar nada? Claro que sim, desde que os novos elementos estejam na continuidade destas valorizações e não queiram eles um protagonismo que o tempo não lhe confere. A solução proposta serviria para ali como para qualquer outro lugar. Curioso que também no projecto da praça fronteira ao Virgínia está proposto um espelho de água. Será que a moda das fontes com repuxos foram substituídas pela dos espelhos de água. Num grau diferente também a requalificação do terreiro da igreja de Santa Maria sofre dos mesmos vícios conceptuais. Porquê a cobertura a granito rosa do pavimento da rua António César Vasconcelos Correia? Será apenas para justificar a ligação projectual entre os dois espaços ou com a cor da pintura do prédio do Alvarenga de outro projecto e que se insinua no esquiço.</p>
23	<p>Projecto bem concebido, evidenciando o Património histórico respeitando os espaços verdes.</p>
24	<p>Quanto ao Largo de Salvador, não é necessário obras de grande vulto. Basta mantê-lo mais ou menos como está. Poderiam, isso sim requalificar o Cruzeiro (que é um espaço bom para observarmos a parte sul da cidade. Porque não construir por baixo do mesmo um espaço, instalações para um restaurante? Não falam do Museu, mas a minha sugestão é de que a entrada, devesse ser feita a partir do Largo de Salvador e não onde está actualmente. Ha espaço, suficiente para se fazer uma entrada muito condigna. Quem actualmente tiver que subir aquelas incómodas escadas, chegam lá quase derretido. O espaço dessa escadaria, poderia ser fechado e aproveitado para expor peças a céu aberto'.</p>
25	<p>Relativamente à "Zona 2 - Terreiro Santa Maria, Rua António César Vasconcelos Correia e Largo do Salvador" achamos que a proposta de intervenção planeada para o Largo do Salvador não se ajusta ao local. Tendo em conta a recuperação e utilização futura do Salão do Salvador, não faz sentido a deslocalização do largo para o lado oposto. Criar um largo com vários degraus e desníveis será disfuncional e impeditivo para cadeiras de rodas e condicionará o acesso a carrinhos de bebés e pessoas com mobilidade reduzida (ex. idosos). Também o facto de o Largo estar planeado sem a existência de sombras (árvores) poderá torna-lo pouco apelativo como zona de lazer. No que diz respeito à proposta de utilização de granito rosa na rua General António César Vasconcelos Correia, achamos que será preferível dar preferência a materiais da região, como é o caso do granito escuro ou calcário. A Direcção da 30POR1LINHA - Associação Sociocultural e Ambiental'</p>
26	<p>Pavimentação da rede viária - Abandono da utilização de granito rosa - Inadequação do material de construção - nomeadamente no que diz respeito ao impacto cromático - face à omnipresença do calcário nas construções da colina. Custos associados. Manter com coerência a ligação entre a rua Gil Pais e rua do Salvador. Programa de musealização - Aproximá-lo da área de menor desnível e fazer acesso em rampa - Permitir um acesso mais imediato ao terreiro; Retirar a vedação e fazer a ligação entre o terreiro e a rua do Conde em talude com vegetação ou bancadas que permitam a sua utilização como espaço de estar ou de passagem - Incluir o terreiro no espaço urbano, promover a utilização em conjunto com a rua, integrando-o como oportunidade de passagem; Maior presença arbórea - Dinamizar a utilização do espaço para além da visita ao programa museológico; Aplicação de mobiliário urbano - Melhorar o conforto do utilizador, com a manutenção dos jacarandás e potenciar a utilização dos bancos namoradeiros. Devolver ao espaço a função de miradouro sobre a parte velha da cidade; Hipótese A: adaptação do programa à nova lógica de circulação e utilização. Abandono da gralilha de tijolo - Total desadequação do material de construção pelas mesmas razões acima expressas; Substituição (ou complementaridade) da solução de placards explicativos verticais por um ponto de observação onde a planta seja sobreposta por representação sobre acrílico - Desincentivo à vandalização. Facilitação da leitura da ruína por públicos não especializados; Ação de restauro menos intrusiva - Na planta apresentada não surgem representadas uma série de estruturas actualmente visíveis. Deverá ser acautelada a sua preservação. Por outro lado, surgem na área a restaurar troços murários que não foram identificados na escavação, sendo desaconselhadas arquiteturas imaginadas. Deve ser garantida uma clara diferenciação entre o restauro e as estruturas arqueológicas.Reavaliação da exposição de elementos arquitetónicos. Deverá, por questões de conservação, ser equacionada uma solução de cobertura da ruína -Exposição de elementos arquitetónicos poderá acelerar a sua degradação. Possibilidade de vandalismo. Possibilidade de furto. Garantir o cerceamento de acesso ao espaço em horário nocturno - Prevenção de vandalismo; Hipótese B: Aterro dos vestígios arqueológicos e marcação da sua planta a partir da utilização de materiais diferenciados na pavimentação da área - Diminui os custos com conservação. Impede a degradação natural ou induzida das estruturas arqueológicas. Preserva a memória das pré-existências. Diversifica as possibilidades de utilização da área, ao invés de a cristalizar na visita ao programa museológico. Largo do Salvador - Reajuste dos corredores de circulação - A prevista construção do novo salão paroquial irá criar uma nova centralidade, ainda que de periodicidade indefinida, que importa considerar na proposta final; Abandono do espelho de água - Equipamento totalmente desadequado à topografia, ambiente urbano, enquadramento histórico do largo e lógicas de sustentabilidade de recursos naturais; Simplicação generalizada do programa - A intervenção proposta é iminentemente paisagista; Maior presença arbórea - Não é evidente uma equilibrada relação custo/benefício.</p>

27	Ótimo projeto, porém com falta de sombras, sendo que se tornaria pouco útil durante o verão.
28	De forma a melhorar as condições exteriores como interiores, não só dava um melhor aspeto à cidade como uma melhor condição para os alunos e pessoal docente. Em vez de gastarem tanto dinheiro em laranjeiras, era um grande projeto investirem naquilo que é mais importante.
29	Na minha opinião, deveria ter algumas árvores para ser mais chamativo, principalmente no verão, porque o calor é muito e as árvores para além da sombra, o facto de ter mais verde no cenário tornaria o espaço mais fresco e apelativo.
30	O espaço não possui memórias materiais significantes. Deve ser espaço de ócio, lazer sim, mas com mais árvores e bancos para as pessoas poderem descansar/ usufruir da vista. Colocar um mural referenciando a memória da igreja faz sentido mas não a sua planta.
31	Discordância no que diz respeito a alterações profundas, tal como está a ser proposto. Criar obstáculos num local que apenas necessitava de pequenas obras e alguns bancos!
32	Concordo com a recuperação do terreiro da rua António César Vasconcelos Correia, quanto ao largo do Salvador não vejo necessidade da sua alteração, dada a reuperação do salão de Salvador.
33	Em relação a este projeto ao ver previamente a apresentação na escola, não achei muito funcional (Terreiro de Santa Maria). A minha ideia seria criar um primeiro piso uma plataforma em cimento e no rés-do-chão um parque de estacionamento e no primeiro piso uma entrada com elevadores e escadas para uma esplanada-bar como um terraço bar.
34	Pouco eficaz no que respeita ao passado histórico da igreja de Santa Maria do castelo. A pavimentação proposta em nada se integra no estilo arquitectónico do castelo e cerca intra-muros.
35	Treta medonho sem árvores despiíssimo amadorismo.
36	O Terreiro de Santa Maria deve ser reabilitado, a rua António César não faz sentido tendo em conta alguns prédios devolutos. O largo de Salvador acho que sim, mas deviam pensar na zona do cruzeiro também.
37	Criar uma zona com árvores para fazer sombra.
38	<p>Tendo em consideração a vertente: "Pretende-se que sejam criadas condições capazes de proporcionar melhores meios de circulação e de fruição de percurso urbano", apresento a minha reflexão.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Começando pelo Terreiro de Santa Maria, verifico que é proposta a sua vedação total, sendo acessível apenas pela porta atual e por outra próxima, o que impede o seu atravessamento por quem circula no local. Se toda a vedação a Norte fosse substituída por degraus e/ou adoçamento do terreno, o terreiro ficaria aberto e facilmente acessível. Por outro lado, a elevação em 60cm das paredes da ruína da Igreja de Santa Maria não traz nenhuma mais-valia, nem sequer de musealização do espaço, pois nesse caso dever-se-ia mostrar as verdadeiras ruínas e não uma "ruína construída", o que é falacioso. Ao invés, esta elevação das paredes compartimenta o espaço, comprometendo a sua flexibilidade e limitando a sua utilização. Outra menos-valia da intervenção proposta é a ausência de espaço verde e a escassez de árvores/sombras, o que torna a fruição do espaço, já de si sem atrativo, de incomportável nos meses de verão, em face das temperaturas habituais em Torres Novas. É fundamental ponderar bem sobre o que se pretende deste espaço. Para mim, a localização privilegiada do Terreiro de Santa Maria, de charneira entre a Praça 5 de Outubro e o Castelo, deveria ser aproveitada para potenciar a sua fruição não só pelos turistas, mas sobretudo pelos torresjanos, convidando quem está na Praça a subir. Por exemplo, a inclusão de um pequeno parque infantil ou atividades afins no Terreiro de Santa Maria convidaria muitos casais jovens a subir com os filhos, após tomarem o seu café na Praça. E ao trazer as pessoas ao Terreiro de Santa Maria estamos também a potenciar a vivência do Castelo, que hoje pouco mais é do que um cenário de Praça. - Seguindo agora a Rua General António César de Vasconcelos Correia... "Granito rosa" no centro histórico de Torres Novas?!? Um turista menos atento julgará certamente estar no Norte do país! Não entendo os arquitetos para quem projetar no Algarve, em Torres Novas ou em Braga é a mesma coisa. Tenho para mim que a riqueza turística do nosso país reside sobretudo na sua diversidade. Acabem com ela, uniformizem o país e reduzirão o interesse turístico a meia dúzia de cidades; conhecendo-as, está tudo visto... - Quanto ao Largo do Salvador: Como a câmara tem conhecimento, a Igreja está a trabalhar no projeto para avançar em reve com a reabilitação dos edifícios que constituem toda a frente deste largo, os quais irão acolher os escuteiros (atualmente cerca de 170), um auditório para cerca de 330 pessoas e outras valências. Este conjunto irá trazer ao largo simultaneamente e com frequência centenas de pessoas, com alguma incidência em crianças e jovens, pelo que a segurança dos utentes é importantíssima na renovação do largo.

	<p>Do lado oposto temos a igreja do Salvador, sem culto regular e com a capacidade de mobilização, per si, que conhecemos hoje... Ou seja, não tenho dúvida de que serão os escuteiros, o auditório e outras valências do novo edifício a dar vida ao largo, pelo que o Largo terá de se articular com esse edificado, em vez de lhe virar as costas como este estudo propõe. Assim, a manter-se a circulação automóvel no largo, esta deve fazer-se minimizando a interferência com o largo e o risco para os utentes, ou seja, o mais afastada possível do novo edifício, onde é atualmente. Considero ainda que a prioridade no largo deve ser do peão e não do automóvel, pelo que proponho uma rua nivelada com o restante largo, sem lancis, à semelhança da solução adotada junto da papelaria Gil Pais e da farmácia Higiene, em que o tratamento do piso transmite naturalmente ao condutor a noção de que a prioridade é do peão. Neste entendimento de priorizar a vivência do largo em segurança e de prepará-lo para acolher um número elevado de pessoas, penso que devem ser eliminados ou, tanto quanto possível, reduzidos os obstáculos, contrariamente à solução proposta, que multiplica as plataformas, degraus pequenos e grandes, muros, etc, tornando a fruição do largo desconfortável e perigosa; também deve ser mantidas as árvores ou pensada outra forma de criar sombras.</p> <p>- Por outro lado, atendendo à ocupação frequente e intensa do Largo do Salvador no futuro próximo, o que não acontece há décadas, devemos aproveitar esta intervenção para abrir o adro da igreja, convidando as pessoas a usufruir do adro e do miradouro, que hoje é tão isolado. Para tal, proponho que seja demolido o muro do adro da igreja ao longo do largo, isto é, desde a escada de acesso ao adro até ao desnível existente no muro mais acima, numa extensão aproximada de 13 metros, prolongando os degraus de acesso ao adro, nessa extensão. Como o largo é inclinado e o adro horizontal, a diferença de cotas atual entre o largo e o adro é de cerca 1,40m na zona da escada e de 0,70m no outro extremo desta intervenção, pelo que, dos oito degraus existentes chegariam apenas quatro ao topo do largo, sendo este ponto de menor desnível o local ideal para a rampa de acesso ao adro (esta proposta tem a concordância da Igreja). Esta intervenção eliminaria o obstáculo do muro entre o Largo do Salvador e o adro da igreja, ampliando física e visualmente o espaço do largo. Em resumo, penso que é importante ponderar o que se pretende para estes espaços, sempre na ótica de que a cidade é para as pessoas, criando espaços vivos e não "espaços-museu" que podem ser mais ou menos estéticos mas de que ninguém usufrui.</p>
39	Aproveitando para um espaço de merendas.
40	A calçada com drenagem natural é boa ideia. Já a escolha do granito para a calçada é anacrónico pois estamos numa das raras zonas calcárias em Portugal.
41	A existência de um espaço protegido do sol e também da chuva já que nesta zona não existe nenhum.
42	Deveria haver mais sombra.
43	Acho que o espaço seria bem aproveitando, no entanto acho que seria mais agradável com a colocação de uma sombra e por exemplo uma esplanada.
44	Na minha opinião, acho que deveria ter algo que tivesse a função de fazer sombra, visto que, no Verão o Sol é demasiado quente.
45	Retirar todas as ruínas para colocar algo moderno no lugar das mesmas, vai retirar todo o contexto histórico do espaço. Acho que seria melhor manter as atuais ruínas de maneira a fazer-se uma reconstrução histórica de como era o local antes de ser demolido (como podemos ver nas ruínas da Vila Cardilium).
46	Concordo, falta de meio de circulação é mau por isso concordo.
47	Concordo.
48	Concordo com este projeto
49	Embora a zona necessite de algum tipo de reabilitação, deverá sempre conservar a componente arqueológica. Construir sobre as ruínas da igreja é, sobretudo, um atentado à história.
50	Sugere-se um bonito parque de lazer (jardim) ou um parque de estacionamento para veículos ligeiros.
51	Na minha modesta opinião, acho que o terreiro deve ser conservado, mas sem alterar os testemunhos arqueológicos que restam. Não danifiquem mais o nosso património, já chega. Temos pouco património, mas o pouco que temos tem vindo a ser destruído, sem deixar uma tênue memória, para as gerações futuras, na maioria dos casos. Em relação ao largo, requalifiquem somente o pavimento, não penso que seja razoável a proposta apresentada.
52	O projeto não considera as temperaturas elevadas sendo muito agreste a solução apresentada, sugerindo pouco usufruto.
53	Perante o projeto apresentado, proponho alguma forma de criar sombra no local, e algum pormenor que traga frescura à zona, como uma fonte ou repuxo.
54	Para que o espaço em frente da estátua de D. Sancho pudesse ser utilizado em todas as épocas do ano, era necessário existirem mais sombras, não só por meios naturais mas também com esplanadas e algum tipo de estabelecimento. Desta forma, o espaço seria mais aproveitado pelas pessoas.
55	Ter acessos no Terreiro e no Largo para pessoas de mobilidade reduzida.

56	<p>Esta proposta, para começar com granito rosa que nada tem a ver com a nossa cidade, depois não cumpre o objetivo proposto de melhorar a circulação e fruição do percurso urbano. Em relação às ruínas da Igreja de Santa Maria não penso ser interessante elevar as ruínas em 0,60m e isso é uma coisa que não existe ou então não lhe chamem ruínas é outra coisa. No que é proposto não traz mais pessoas a esta zona alta e que cative as mesmas a deslocarem-se ao local. Proponho que parte do muro seja derrubado e, que se criem passagens pedonais de acesso ao local com algum atractivo (exemplo espaço de lazer para famílias) para que isso aconteça. Criação de mais estacionamento e não a redução do mesmo para potenciar a subida de pessoas a esta zona.</p>
57	<p>Na sequência da sessão pública, em 26.Jan.17, de apresentação do PEDU, vimos, por este meio, apresentar o nosso contributo como segue.Neste evento fomos surpreendidos com a solução apresentada para o Largo do Salvador, designadamente quanto ao facto de considerar a ripagem do atual arruamento para o lado do Salão do Salvador, afastando-o, portanto, da Igreja do Salvador, situação que suscitou, desde logo, a reação da Eng.ª Noémia Faria. E não se alegue que está em causa o interesse de várias entidades ou instituições, em cada uma "puxa a brasa à sua sardinha", pois a instituição é uma única, a Igreja, a qual pretende, apenas e só, uma solução equilibrada e adequada ao edificado que possui em ambos os lados do Largo do Salvador, ou seja, à Igreja do Salvador e à nova realidade que, a médio prazo, serão o novo Salão do Salvador e a sede dos escuteiros, entre outros. Com efeito, tal como é do conhecimento da Câmara Municipal de Torres Novas face às reuniões e conversações mantidas, a Igreja está a desenvolver um projeto para, tão breve quanto possível e, preferencialmente, ainda com início no ano em curso, avançar com as obras de reabilitação dos imóveis relativos a quatro prédios urbanos no Salvador - com os artigos matriciais: 30 NIP; 31 NIP; 214 NIP; e 215 NIP-, os quais constituem toda a frente do Largo do Salvador. Tal projeto tem em vista: i) um espaço para acolher os escuteiros (atualmente mais de 170); ii) construir o "novo Salão do Salvador", i.e., um auditório para cerca de 330 pessoas, no local onde atualmente se encontram as ruínas do denominado Salão do Salvador; e iii) ainda, outras valências. Assim sendo, desde logo se alcança que estes equipamentos trarão ao Largo do Salvador centenas de pessoas, incluindo crianças e jovens escuteiros cujas atividades não são esporádicas, mas sim, pelo menos, semanalmente habituais. Ou seja, estes novos equipamentos trarão vida, e muita, ao Largo do Salvador.Aliás estes equipamentos são ainda suscetíveis de, face à proximidade com a Praça 5 de Outubro, potenciar a vida do Largo do Salvador como extensão da atual vivência nessa Praça. Tal situação alterar-se-á de forma muito significativa aquilo que é a realidade atual, pelo que a segurança dos utentes é um aspeto importantíssimo a ter em conta na renovação que a Câmara Municipal pretende levar a efeito no Largo do Salvador. Disto mesmo se deu conta à Câmara Municipal em reuniões mantidas em 19.Jul.16 e 07.Nov.16. Admitindo um cenário de que a Igreja já se equacionasse a reabilitação do Salão do Salvador, consideramos que poderia fazer sentido uma solução do género da que foi proposta, protegendo os acessos à Igreja do Salvador e tornando mais nobre o espaço contíguo à Igreja. No entanto, apesar de há já vários anos o Salão do Salvador se encontrar no estado em que atualmente se encontra - fruto, também, de a Igreja ter, na última década, dado prioridade à reabilitação de outros imóveis - é verdade, como bem sabe a Câmara Municipal, que, na sequência da dinâmica que a Igreja tem implementado, chegou a hora da reabilitação dos imóveis supracitados do Largo do Salvador. Razão pela qual entendemos que qualquer proposta para o Largo do Salvador deverá, indubitavelmente, ter em linha de conta esta nova realidade. E não se alegue, como lamentavelmente fez o arquiteto responsável pela proposta para o Largo do Salvador na sessão pública, que o projeto da Igreja para os seus imóveis não passa de um projeto, pois também a proposta apresentada não passará de um esboço ou estudo prévio para o Largo do Salvador! Como todos sabemos, a Igreja do Salvador não tem culto regular, pelo que serão os escuteiros e o novo Salão do Salvador a dar vida ao Largo do Salvador, pelo que dever-se-á articular o projeto do Largo do Salvador com o Projeto da Igreja, em vez de lhe virar as costas ou de o ignorar. Assim a manter-se a circulação automóvel no Largo do Salvador, esta deverá fazer-se garantindo a segurança das centenas de utentes do novo edifício, pelo que nos parece que tal objetivo só será alcançado mantendo-se o arruamento na sua atual posição.Considerando, ainda, que a prioridade no Largo do Salvador deverá ser de peão e não do automóvel, não nos parece descabida uma solução que passe por um arruamento nivelado com o restante largo, sem lancis - à semelhança da solução adotada junto da papelaria Gil Pais e da farmácia Higiene -, em que o tratamento do pavimento transmite, de forma natural, ao condutor a noção de que a prioridade é exatamente do peão. Neste entendimento de priorizar a vivência do Largo do Salvador em segurança e de o preparar para acolher um número elevado de pessoas, consideramos que devem ser eliminados ou, tanto quanto possível, reduzidos os obstáculos, contrariamente à solução apresentada na sessão pública supracitada que multiplica as plataformas, degraus pequenos e grandes, muros, etc, tornando a fruição do largo desconfortável e perigosa. Ainda no mesmo sentido, consideramos que deverão ser mantidas as arborés ou equacionada outra forma de criar sombras.</p>
	<p>Por outro lado, atendendo à ocupação frequente e intensa do Largo do Salvador nun futuro próximo, o que não acontece há décadas, entendemos que dever-se-á aproveitar a intervenção que a Câmara Municipal pretende levar a efeito para abrir o adro da Igreja do Salvador, convidando as pessoas a descobrir e usufruir do adro bem como, atualmente tão isolado ou até mal frequentado, do miradouro. Neste sentido, propomos a demolição do muro do adro da Igreja do Salvador que existe ao longo do Largo do Salvador, ou seja desde a escada de acesso ao adro até ao desnível existente no muro mais acima, em cerca de 13 (treze) metros, prolongando os degraus de acesso ao adro nessa mesma extensão. Propomos também, uma vez que o largo é inclinado e o adro se encontra em plano horizontal - razão pela qual a diferença atual de cotas entre o largo e o adro é de cerca de 1,40m na zona da escada e de 0,70m no outro extremo da intervenção proposta no parágrafo anterior-, e porque dos oito degraus existentes chegarão apenas quatro ao topo do Largo do Salvador, sendo este ponto o de menor desnível e, por isso, o local ideal para a rampa de acesso ao adro. Esta intervenção eliminará o obstáculo do muro entre o Largo do Salvador e o adro da Igreja do Salvador, ampliando física e visualmente o espaço do Largo do Salvador. Entendemos ser importante ponderar o que se pretende para os espaços em questão, sempre na ótica de que a cidade é para as pessoas, criando espaços vivos e não "espaços-museu" que podem ser mais ou menos estéticos, mas dos quais ninguém usufrui. Concluindo, esperamos que, conforme informação prestada pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal quase no final da sessão pública supracitada, dirigindo-se objetiva e inequivocamente à Eng.ª Noémia Faria, a Câmara Municipal faça uma adequada gestão e coordenação dos projetos, da Igreja e seus, para o Largo do Salvador, de modo a obter consenso e equilíbrio e, ainda, a acrescentar valor à cidade de Torres Novas.</p>
58	<p>Achamos que a proposta de intervenção planeada para o Largo do Salvador não se ajusta ao local. Tendo em conta a recuperação e utilização futura do Salão do Salvador, não faz sentido a deslocalização do largo para o lado oposto. Criar um largo com vários degraus e desníveis será disfuncional e impeditivo para cadeiras de rodas e condicionará o acesso a carrinhos de bebés e bebés e pessoas com mobilidade reduzida (ex. idosos). Também facto de o Largo estar planeado sem a existência de sombras (árvores) poderá torna-lo pouco apelativo como zona de lazer. No que diz respeito à proposta de utilização de granito rosa na rua General António César Vasconcelos Correia, achamos que será preferível dar preferência a materiais da região, como é o caso do granito escuro ou calcário.</p>

Nº	Comentário
1	Boa tarde, depois de analisar as propostas de acesso ao Castelo, sou da opinião que a primeira proposta será talvez a mais fácil de concretizar, mas também a que menos dignifica o Castelo. Proponho um estudo menos agressivo para a zona. um bom exemplo que acesso que não "estraga" o local é o Hospital de Jesus, em Lisboa, que tem um elevador cuja entrada é por uma porta que imita as pedras da sua construção e em nada dignifica o edifício.'
2	Constitui em minha opinião uma iniciativa muito boa facilitando acessos que actualmente são pouco fiáveis.
3	Do esboço apresentado só não discordo com a escadaria do lado da Praça dos Claras, o elevador naquele lugar é demasiado invasivo, pois se forem até à esplanada do Hotel Torres Novas ou do Seven, podem reparar que se vai notar demasiado aquela espécie de torre para elevador e vai ser mesmo demasiado invasivo. As rampas são um exagero e vão fazer com que muita gente de mobilidade reduzida não queira visitar o Castelo, na minha opinião chocaria muito menos se colocassem um elevador com uma caixa mais pequena na porta onde querem colocar as rampas exteriores ao Castelo e outro elevador no interior nessa mesma porta, assim escusavam de colocar qualquer rampa tanto no exterior como no interior. Também acho que é um pouco ridículo termos um Castelo e não termos conteúdos programáticos para o mesmo além da Feira Medieval, deveria também de existir um pequeno Quiosque no interior do mesmo ou no Terreiro de Santa Maria. Também acho que o horário de abertura e fecho deveria de ser revisto, não faz sentido fechar às horas que fecha, é mesmo vergonhoso. '
4	É um projecto arquitectonicamente interessante, mas que deverá ser justificado pelo incremento das iniciativas culturais no castelo e/ou na Alcaidaria. Nas condições actuais de subutilização e falta de dinamismo destes espaços públicos, parece desaconselhável este investimento público.
5	Em aditamento a um comentário enviado anteriormente, considero que no presente contexto urbano, a intervenção na avenida Marginal não é prioritária - conforme já referi em comentário inserido no item "Requalificação do Nogueiral" Considero absolutamente prioritária a requalificação do eixo de entrada no Centro Histórico - Largo da Ponte do Raro - Rua 1º de Dezembro - Largo General Baracho e a própria Rua dos Cides. Isso seria um verdadeiro valor acrescentado à qualidade de vida do Núcleo Duro do Centro Histórico e à valorização dos empresários que aí operam. Só quem não anda a pé naquele percurso é que poderá pensar de outra forma - um verdadeiro tormento!! que se irá acentuar com um acesso ao Castelo e o esperado aumento de pessoas que por ali circulam.'
6	Espaço nuclear para a intervenção a realizar, muito bem.
7	Este parece ser um projecto com pernas para andar, a questão está nos detalhes, local do elevador, dimensão do mesmo, local das escadas e respectiva dimensão, não concordo com a proposta actual, mas com ajustes será uma mais valia.
8	Excelente ideia! Sinceramente, isto já devia ter sido reabilitado há muito tempo! Temos de valorizar a nossa cidade! Têm de ter criatividade e deixar trabalhar quem tem visão e que quer o melhor para a nossa cidade! Uma cidade histórica destas tem de ser bem intervencionada! Não deixem ruir mais o património!

9	<p>Finalmente o projecto contendo a proposta, que pela sua visibilidade, parece suscitante de mais objecções : os acessos ao Castelo e a torre (proposta 1) integrando no seu interior um elevador vertical e uma escadaria e que através de uma ponte dá acesso à cerca e a uma rampa já no interior do castelo. Pensamos que os questionamentos públicos mais visíveis têm a ver com o confronto entre a relevância histórica e patrimonial do Castelo e a torre como artefacto contemporâneo O projecto não põe em causa o Castelo de per si. Estabelece é uma nova relação espacial, por contraste histórico e patrimonial entre dois tempos e duas expressões da cultura material construída . Será possível criar uma qualquer "objectividade" de valoração patrimonial para avaliação de um projecto ? ou estaremos sempre dependentes de ponderações com elevado grau de subjectividade ? Confesso que não tenho uma opinião definida sobre o assunto e penso que é mesmo possível aduzir comentários contra ou a favor .O novo coloca sempre muitas reticências, embora nem tudo seja aceitável só porque é novo. Poderia citar muitos casos em que isso acontece mas refiro apenas um, numa escala diferente, que certamente muitos ainda recordarão : o que foi dito e escrito pela construção do CCB mesmo ali ao pé dos Jerónimos . E hoje ... A questão nem sequer se pode colocar em termos de excepcional inovação da torre . É "apenas" uma cópia adaptada para resolver um problema funcional , não acrescenta muito a não ser ... surpresa ... o que também não é despreciando . A nossa dúvida principal não se coloca nos questionamentos anteriores . Colocamos por isso a questão nos termos que nos parecem prioritários : será mesmo necessário este acesso ? A torre exterior mais do que uma solução anômala, é aparentemente desnecessária, com uma assinalável presença (mais de 14 mts de altura) , com problemas de gestão de acesso, segurança e manutenção de equipamentos. A alternativa às escadas (para vencer uma cota de aprox. 10 metros) pode passar por uma requalificação da entrada principal do castelo . Quanto ao elevador (este elevador) é preciso questionar a sua real necessidade, avaliando o grau de frequência, a dependência de funções, os encargos financeiros e os constrangimentos de manutenção de um equipamento de uso público aberto . Dir-se-á que neste momento, excluindo os dias das feiras medievais anuais, a sua utilização será residual . Mas também é verdade que novas possibilidades abrem caminhos a utilizações antes inexistentes . Dentro deste projecto há ainda o acesso pela zona do estacionamento (proposta 2) , na retaguarda dos Paços do Concelho , que pode resolver os problemas de mobilidade colocados na proposta anterior. Parece-nos no entanto uma solução demasiado formalista, com demasiado desenho e tapamento apontando para materiais construtivos pouco consentâneos com o local . Não seria mais conforme uma solução de estrutura metálica (aço corten ?) com pavimento em madeira ou grelha metálica. A rampa no interior do castelo, com o desenvolvimento no sentido radial, corta o jardim deixando uma "vala" quase até ao centro . Não deveria esta rampa correr lateralmente junto à muralha como na proposta 1 ? Quanto à proposta 3 , acesso em escada a partir da rua Cides, é uma solução interessante mas ainda pouco trabalhada . '</p>
10	<p>Gosto da solução junto aos antigos Claras. Não gosto de todo das ideia do elevador, não chega um acesso que permita a todas as pessoas com mobilidade condicionada, que é o caso da rampa metálica (que eu gosto) da proposta).? para quê uma obra com um impacto visual tão agressivo. para além dos custos que esta intervenção acarreta. Já não gosto da entrada no castelo da rampa em direção ao seu eixo, gosto mais que se desenvolva junto da muralha.'</p>
11	<p>Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem . Parabéns</p>
12	<p>Na foto da Rua 1º de Dezembro, mostra-nos o local ideal para fazer uma entrada subterrânea para o Castelo através dum elevador e um monta cargas, que iria dar à torre que é oca. Poder-se-á considerar um elevador desde a cave ao 2º andar. Assim os visitantes entrariam directamente no Castelo, sem qualquer esforço, começando a sua visita a toda essa parte do Castelo e da Cerca, ao invés do que actualmente acontece. Tem que subir ladeiras ou escadas difíceis, e quando chegam dentro do Castelo, só lhes apetece sentarem-se para descansar e sair imediatamente. (Agradecia que lessem os meus artigos que iram sair no jornal O Almonda desta e da próxima semana.'</p>
13	<p>Não concordo nem um pouco com o elevador proposto. Parece-me bem a escadaria e não me parecem mal os passadiços. Mas caso como parece, vos sobejar dinheiro, gastem-no cumprindo o que são as obrigações mínimas da CMTN, dando aos poucos de nós que ainda insistem em viver no centro da cidade condições mínimas para isso, como sejam o pavimento das ruas (veja-se a miséria da rua Dtª de S. Pedro e a R. da Trindade, junto à praça dos Claras), e a recolha do lixo e falta de limpeza. Para quando um ecoponto no largo do Quinchoso? Isto é para ser uma cidade, não é?'</p>
14	<p>Não se pode pensar no acesso ao Castelo junto à praça dos Claras (que representará uma enorme valorização para trazer o Castelo para a cidade) sem ter em conta um aumento da mobilidade pedonal na Rua 1º de Dezembro (duas pessoas não conseguem caminhar lado a lado ao longo daquele trecho da Rua), em simultâneo com medidas de contenção dos excessos de velocidade automóvel que ali se verificam quotidianamente, comprometendo seriamente o conforto e a segurança das pessoas.</p>
15	<p>No contexto de comentários inseridos anteriormente, importa referir que, a reabilitação do eixo Largo da Ponte do Raro- Rua 1º de Dezembro - Largo General Baracho irá proporcionar uma continuidade pedonal no Núcleo Duro através de um dos principais eixos do Centro Histórico, ligando a cidade desde a Ponte do Raro até à Ponte da Levada/Largo do Virgínia. É preciso alterar as prioridades já estabelecidas no Pedu e, para isso, seria bom que os "planeadores" entrem a pé na cidade, através da ponte do Raro, e caminhem em direção à Praça 5 de Outubro. Nessa altura, irão perceber a quantidade de "fintas" que são precisas fazer para chegar ao destino, perante todos os desafios que temos que enfrentar! Mas cuidado! É preciso que cheguem vivos ao destino! Esse percurso só deverá ser realizado por profissionais! '</p>

16	<p>O acesso exterior - corpo com elevador, é uma solução esteticamente absurda, pela sua dimensão e localização. Inaceitável tamanha barbaridade, a visibilidade do castelo não deve ser comprometida por nenhuma nova construção. Porque não fazem o acesso a deficientes motores pelo túnel que vai dar ao centro do castelo, é tecnicamente fácil de executar, incomparavelmente mais barato e esteticamente inócuo tanto no exterior do castelo como no seu interior . O acesso exterior - rampa, é também esteticamente má e completamente desnecessária se já existir outro acesso a deficientes motores, nomeadamente aquele que atrás referi. Seriam só mais uns passadiços sujos e sem manutenção. Sem dúvida nenhuma que não deve ser feito. A escada exterior parece-me bem, mas os argumentos para a sua execução e com os quais em concordo, "permitir a visão próxima das muralhas do castelo", entram em contradição com o que está projectado nos acessos exteriores ao castelo em que pretendem construir tapando ou diminuindo a visibilidade do mesmo. É uma grande incoerência e demonstra uma falta de ligação entre os três projectos. Espero que o Sr. Pedro Ferreira como responsável máximo do Município não cometa o erro avançar com estes projectos tal como estão, seria mau demais. '</p>
17	<p>O acesso proposto à encosta do Castelo é totalmente despropositado, pois já existe. A única oferta que o mesmo tem para o castelo é o bloqueio da vista para o mesmo quando estamos na zona da Praça 5 de Outubro. Certo é que esta vista desimpedida não tem muitos anos, pois antes de assim ser, tinha sido ocupada pela Igreja de Santa Maria e a sua torre. Mas desde a sua demolição que assim o é, e não faz sentido que um passadiço inútil ocupe aquele espaço. A necessidade de uma rampa de acesso parece-me bem vista, porém, a materialidade e o sítio onde esta se vem a edificar absorve o trabalho de restauro e re-edificação da muralha fernandina. O acesso desde a antiga Garagem dos Claras enquadra-se na envolvente, que demorará bastantes anos a recompor-se do estrago provocado pela edificação de uma praça coberta naquele local.'</p>
18	<p>Projecto magnânimo, que pugna pela simplicidade. Evidencia o castelo da cidade, convidando a passeios no local, onde as acessibilidades projectadas mostram bom gosto, respeito pelas características do local. Enaltece-se a sobriedade onde o menos é definitivamente o mais. Parabéns!'</p>
19	<p>Sendo o acesso ao castelo um dos maiores obstáculos para quem tem mobilidade reduzida, no meu caso especial, sendo mãe de um menino que se desloca em cadeira de rodas, não posso deixar, por um lado de congratular pela tentativa de resolução do problema, por outro lado deixar aqui o meu desagrado pela proposta 1. Parece-me que irá ficar completamente desenquadrado do castelo, tapando o mesmo. Apesar de querer muito uma solução, não me parece a mais adequada. Tira por completo a beleza do castelo.'</p>
20	<p>Sobre a "Zona 4 - Escadas e Plataforma de Acesso ao Castelo", é com agrado que vemos a preocupação e vontade em criar uma infraestrutura que permita o acesso a pessoas com mobilidade reduzida ao castelo, no entanto, achamos que deve ser estudada uma alternativa mais minimalista que não contraste tanto com o património imóvel já existente. A Direcção da 30POR1LINHA - Associação Sociocultural e Ambiental'</p>
21	<p>Sugiro aqui que o elevador não fique onde está proposto porque é muito alto e não me parece que suja a melhor solução. Proponho que seja ligeiramente desviado para a plataforma superior de forma a ficar de frente para a porta de entrada para o Castelo e assim reduz a sua dimensão e o impacto visual ou então ser colocado na entrada onde é proposto a rampa e este sim parece-me ser a melhor solução e a mais discreta e funcional onde o elevador tem menor dimensão e a rampa não necessita de ir até ao centro do Castelo inviabilizando assim algumas atividades que lá possam ocorrer. Estas soluções são as que tiram melhor aproveitamento do estacionamento proposto.'</p>
22	<p>Poderá ser prevista uma falsa fachada, alinhada com a frente urbana, "trabalhando" a escadaria verde por detrás do acesso a uma plataforma do Castelo.</p>
23	<p>Esta proposta é a mais polémica mas é a que mais facilmente se consegue arranjar outras soluções menos agressivas e mais funcionais. Por exemplo o elevador de ser colocado ou mais ao lado na plataforma superior o que reduz a sua altura e fica de frente para a porta de acesso ao Castelo, ou então no sítio onde é proposto a nova rampa de acesso. Neste local o elevador teria uma dimensão muito menor e a rampa de acesso seria também menor uma vez que a diferença de cotas é menor. Neste caso não havia necessidade de uma rampa rasgar a entrada até ao centro do castelo e poderia andar junto a muralha como é proposto na proposta 1. A proposta3, parece-me interessante a solução apresentada, sugiro que o município pense em adquirir o terreno ao lado que está desabitado e que seria uma mais-valia que se pode alargar aquele troço de estrada e aí sim teríamos espaço para adotar um pouco mais esta subida e até criar estacionamentos de apoio ao lar existente e que tantas vezes perturbam o trânsito junto ao semáforo.</p>

24	Assim como no exterior, acho importante que o acesso a pessoas com mobilidade reduzida seja facilitado, no interior do castelo. O caminho ao lado das torres deveria ser alargado para ajudar as pessoas de cadeira de rodas a circular "por cima", visto que, com as dimensões atuais, isto não é possível.
25	Melhorar os acessos sim, mas não de uma forma tão "agressiva".
26	Eliminar as propostas das "escadinhas" na rua 1º Dezembro e a do "elevador" junto à cerca. Em relação ao vazio daquela rua deve ser feita requalificação corrigindo-se o troço da via com vista à função habitacional existente no passado. A opção da "estrutura metálica" aceita-se desde que facilite a mobilidade reduzida e o impacto visual minimizado.
27	Na componente da passadeira proponho que a estrutura seja em material com transparência. A ideia é genial e a capacidade do material proposto poderá retirar algum brilhantismo.
28	A acessibilidade no elevador é uma ideia muito positiva, há pessoas que não conseguem deslocar-se ao mesmo, todavia os materiais que estão projetados para o fim do projeto não é muito apelativa. A escada junto à antiga é realmente parecida, os materiais poderiam ser feitos de forma transparente, o único projeto totalmente positivo é junto à praça das claras.
29	De acordo com a intervenção proposta para a rua 1º de Dezembro. Desacordo com a estrutura para implantação do elevador. Se o revestimento fosse em pedra, ainda poderia estar enquadrado com o castelo.
30	É inusitado o elevador.
31	Cavalo de troia. Vocês são loucos! Gastem do vosso bolso estão a maior a vida. Esta obra se for feita é melhor emigrarem!
32	Não desgosto da ideia, pena não poderem alargar ao prédio contíguo antiga discoteca rotação, ficaria com uma visão mais bonita e mais alargada para o castelo.
33	A proposta de intervenção da CMTN no espaço interior á entrada do castelo, revelou-se bastante agressiva e excessivamente composta e complexa. Sou morador em Torres Novas há cerca de 10 anos e o largo que se forma em frente ao castelo é para mim um dos locais com mais potencial arquitetónico e caso seja esse o objetivo paisagístico. O castelo é o elemento dominante na zona e o seu enquadramento ao lugar é importantíssimo para uma continuidade urbana e uma coerência do lugar. As árvores de copa alta oferecem um cantinho fresco acolhedor e, claro reabilitado o espaço pode explorar-se ainda mais as potencialidades naturais do lugar. A construção proposta com a sua apresentação excessivamente construída e o percurso apresentado com a rampa, não é interessante o suficiente para justificar a alienização dos elementos naturais adjacentes. A intervenção resultou muito exposta, fora de contexto para que com a materialidade e contatuarquitetónico do lugar. Deviam aplicar-se árvores de copa altas sombrios protegendo o castelo e a rampa para deficientes proposta (tem planta anexa).

34	<p>Esta proposta é a mais polémica mas é a que mais facilmente se consegue arranjar outras soluções menos agressivas e mais funcionais. Por exemplo o elevador de ser colocado ou mais ao lado na plataforma superior o que reduz a sua altura e fica de frente para a porta de acesso ao Castelo, ou então no sítio onde é proposto a nova rampa de acesso. Neste local o elevador teria uma dimensão muito menor e a rampa de acesso seria também menor uma vez que a diferença de cotas é menor. Neste caso não havia necessidade de uma rampa rasgar a entrada até ao centro do castelo e poderia andar junto a muralha como é proposto na proposta 1. A proposta 3, parece-me interessante a solução apresentada, sugiro que o município pense em adquirir o terreno ao lado que está desabitado e que seria uma mais valia para se poder alargar aquele troço de estrada e aí sim teríamos espaço para adoçar um pouco mais esta subida e até criar estacionamento de apoio ao lar ali existente e que tantas vezes perturbam o trânsito junto ao semáforo.</p>
35	<p>Poderá de facto haver um melhor aproveitamento do património histórico de Torres Novas nomeadamente do Castelo, como como uma melhor acessibilidade.</p>
36	<p>Ter mais acesso para mobilidade reduzida. Tentativa de enquadramento no espaço.</p>
37	<p>O elevador ser construído na lateral do Castelo na zona do parque de estacionamento da camara municipal, redefinindo o impacto visual que o elevador tem no projeto.</p>
38	<p>A plataforma em frente do castelo é uma ideia bem concebida mas para que o ponto de visão fosse melhor, o "chão" dessa plataforma deveria de adotar uma cor transparente, para que quem passasse nessa plataforma, conseguisse ver por onde está a passar e dá um bom aproveitamento estético há plataforma.</p>
39	<p>Concordo com a ideia do elevador para o castelo, sendo que este deveria estar colocado no espaço junto há Praça das Claras de forma discreta e integrada. Existindo elevador a plataforma é redundante.</p>
40	<p>Acho uma autentica aberração o que pretendem fazer ao castelo, fazer sim um acesso, mas algo mais discreto, que não destrua a imagem que sempre tivemos do mesmo. Que tal fazer o acesso na lateral?</p>
41	<p>Considero uma ideia muito positiva e útil.</p>
42	<p>Visualmente inconcebível, o projeto apresenta-se como um mero adorno, já que a sua funcionalidade é reduzida. A plataforma de acesso com o elevador é a pior ideia do projeto, já que a médio prazo irá ficar obsoleto e deneguir a imagem do castelo.</p>
43	<p>Concordo mas não gosto de ver o elevador, fica horrível, deviam de adotar a ideia das rampas ao pé da Praça das Claras. Mas agora o elevador naquele sitio fica muito mal.</p>

44	Concordo pois é uma boa ideia para os menos favorecidos também terem oportunidade de visitar.
45	Na minha opinião estas escadas seriam um bom investimento pois o sítio está inutilizado e era mais um acesso ao castelo. O facto de terem em atenção as pessoas com mobilidade reduzida tem muito valor.
46	Concordo, que eu me lembre não existe nada assim para o Castelo e é uma ideia boa.
47	Concordo com esta ideia, mas acho que o elevador devia estar num local mais escondido.
48	Desnecessário em alguns pontos, pouco eficaz noutros. Acessos à orla do castelo não faltam, porém o mais desejável - a rampa - é colocado paredes meias com um troço da muralha Fernandina, o que revela pouca sensibilidade. O elevador torna-se num bloqueio visual do Castelo.
49	Na minha opinião sugeria que o aspecto visual fosse idêntico a uma das torres do castelo. Com pedra nas paredes e recortes no cimo.
50	Gosto e acho útil.
51	A ideia de criar um "edifício" que contém um elevador e escadas de acesso ao Castelo é algo bastante invulgar. Uma rampa que permita cadeiras de rodas, carrinhos de bebé ao longo do caminho existente seria mais útil, sendo esta dividida com um corrimão para evitar pessoas que não a necessitam.
52	É urgente melhorar a acessibilidade do castelo, mas não com um elevador, que não se enquadra de todo na paisagem. A restante parte do projeto é bastante útil e aumenta as visitas ao castelo.
53	Acho que o elevador deveria de ser de outro material para não parecer tão "chocante" e deveria de mudar de sítio.
54	Concordo plenamente que esta intervenção seja realizada.

55	Concordo porque permite um melhor acesso às pessoas com mobilidade reduzida visto que a cidade é de todos.
56	A plataforma de acesso ao castelo está muito bem pensada mas o efeito estético poderia ser mudado.
57	Quanto ao revestimento do elevador, em vez de ser de madeira, pois vai-se degradar ao longo dos anos, na minha opinião dava um aspeto mais moderno e simples se fosse em vidro ou espelhado por fora.
58	Na minha opinião, a passaderira poderia ser de um material transparente para ver o que está debaixo de nós, fazendo assim que se reaproveitasse mais espaços verdes.
59	Concordo plenamente com esta iniciativa pois irá facilitar as visitas ao castelo de várias maneiras. Apenas não estou de acordo com o elevador pois irá tirar impacto ao castelo.
60	Acredito neste projeto e podia haver também algumas placas com a história e mais meios para visitar o castelo.
61	Parece-me que Torres Novas não tem um fluxo turístico tão elevado que justifique a construção de 3 acessos ao castelo. Por outro lado, não acho pertinente todos os esforços para colocar alguém com mobilidade reduzida dentro do castelo se este não tem quase nada para ver. Poderiam abrir uma das torres que se encontra fechada e fazer uma reconstrução de como ela era bem como reabrir a alcaidaria e torna-la útil para dar conhecimento da cultura e da história local ao povo torrejano.
62	Concordo com o acesso de lado da Praça das Clara e a rampa, quanto ao elevador, não se enquadra no património histórico.
63	Acho que o elevador deveria de ser num sítio menos visível, para não criar um impacto visual tão grande. Assim como noutro material.
64	Concordo com esta ideia porque é uma mais valia para aquelas pessoas que têm problemas nas pernas, por vezes até alguma deficiência e que as impossibilite de visitar o castelo.
65	Fazer um elevador desde a biblioteca até ao Castelo, eliminando o outro.

66	<p>Julgo que é consensual que nesta intervenção o elemento mais importante é o castelo. Portanto é o castelo que se deve valorizar, remetendo os elementos acessórios para segundo plano, sem protagonismos excessivos daquilo que é secundário. A torre do elevador proposta, quer pela localização, quer pelas suas dimensões e revestimento, parece querer competir com o castelo pela supremacia do lugar. Repare-se que o topo da torre à cota aproximada de 66,50m (ver slide 40) confere-lhe uma altura de 14m, equivalente a um prédio de cinco andares! Proponho duas localizações alternativas para o elevador: (A) - Próximo do local previsto, mas no nível superior, de frente para a porta do castelo. Este local dispõe do estacionamento próximo, com claro benefício para as pessoas com mobilidade condicionada (atender não só a quem se desloca de cadeira de rodas, mas também aos idosos que se deslocam pelo próprio pé com dificuldade) e para as operações de carga e descarga. Outra vantagem desta localização é a cota do terreno: 3,26m acima do local proposto no PEDU, o que permite reduzir significativamente a altura da torre. Acresce a desnecessidade de o topo da torre se elevar 4,50m acima do nível de saída (pode ser instalado um elevador acionado pela base, que dispensa a casa das máquinas no topo). (B) - No alçado lateral do castelo, no local onde é proposta a rampa. Este é o local de menor impacto visual, próximo do estacionamento e com o menor desnível a vencer. É assim o local que permite uma torre do elevador mais pequena e mais integrada e, simultaneamente, é o local com menor desnível a vencer por rampa dentro do castelo. Por outro lado, parece-me absolutamente desnecessária a enorme rampa prevista, com grande impacto visual junto do troço da muralha e sem utilidade pois, havendo elevador, não creio que uma rampa de 130m de extensão total seja alternativa. Afigura-se-me assim mais racional eliminar a rampa e colocar aqui o elevador. Acresce a vantagem de que esta porta do castelo já tem uma escada de acesso, que pode ser beneficiada, eliminando a necessidade de uma nova escada dentro da torre do elevador, reduzindo assim a torre à dimensão estritamente necessária para a instalação do elevador. (A rampa proposta dentro do castelo cria um fosso que prejudica a utilização do recinto, pelo que julgo preferível junto à muralha e de modo a que o acesso/saída se faça sem conflito com a escada). Apresento de seguida um quadro comparativo da localização do elevador prevista no PEDU com as localizações aqui propostas: (ver quadro anexo) A análise deste quadro realça a vantagem do local B em termos de integração e de conforto de utilização, mas também em termos técnicos e económicos. Uma nota para a dimensão do elevador: O desenho aparenta um elevador de pequenas dimensões adequadas à função de utilização pública e que permita as operações de carga e descarga de equipamentos do castelo. Quanto à escadaria a partir da Rua 1º de Dezembro: Considero útil este acesso à envolvente do castelo. Todavia, por questões de segurança e atendendo ainda à vivência nocturna da Praça 5 de Outubro, o acesso deveria ser feito pela parte visível, evitando zonas mortas que se podem vir a tornar "pontos negros". (ver plantas anexo).</p>
67	<p>Na colina do castelo convergem os elementos urbanísticos que caracterizam a génese e a evolução da cidade em período medieval. Os equipamentos militares ilustram a relação da povoação com os movimentos de conquista dos séculos XII- XIII, que terão dinamizado a sua promoção de Torres Novas a núcleo urbano, nessa cronologia. Estas construções militares condicionam o desenho urbano desde então até ao período contemporâneo, quando se demoliram importantes troços da cerca. Mesmo assim, a rede viária cristalizou o seu traçado. Área de escassa circulação - a não ser nos quatro dias da Feira Medieval, momento anual que representa uma clara exceção sazonal a uma tendência anual e de vagar, reflete a lógica própria de uma zona de se encontra, praticamente, desabitada. Após o período de funcionamento dos serviços da Câmara Municipal de Torres Novas, sítios na "casa do conde", do Museu Municipal, na rua do Salvador, e da Segurança Social, ao largo do Salvador, podemos mesmo caracterizar esta zona como um vazio urbano, votado ao abandono em período pós laboral. Embora atualmente carente de funções - situação que se agravará com a saída dos serviços camarários da "casa do conde" - o morro do castelo constituiu um elemento axial da identidade da cidade e será certamente um dos eixos estruturantes da inclusão urbe em circuitos de viagem e lazer. Uma eventual estratégia de regeneração para esta área urbana - que não foi plasmada no documento do PEDU ou, manifestamente, não existe - deveria assentar em compatibilizar três permissas: criação de novas centralidades, reabilitação do edificado e valorização da estrutura urbana "histórica". Nas propostas que aqui apresentamos, foram ainda tidas em consideração questões de mobilidade e da conservação dos vestígios arqueológicos, no caso do prejeito regerente ao terreiro da igreja de Santa Maria. Analisando os projetos apresentados pelo município torrejano para esta área urbana, consideramos que não há uma visão de conjunto do morro do castelo. O conceito quarteirão cultural ou quarteirão das artes, implícito no PEDU, seria a melhor forma de conceder funcionalidade e expressão ao morro do castelo. O castelo, a memória da igreja de Santa Maria, os núcleos interpretativos sobre Torres Novas (história e território), galerias de arte e museus serão, então o catalisador do morro e poderão ser a chave para a ganratia de um pequeno roteiro de turismo cultural de qualidade. Neste contexto, fará todo o sentido incluir nesta primeira fase de projetos /obras do PEDU-PARU a reabilitação do edifício do CEPTON, antiga biblioteca municipal, fechando assim, todas as intervenções públicas na área do morro. Fica, no entanto em aberto saber o que se espera que venha a ser a "casa do conde", edifício que atualmente alberga os serviços camarários e os paços do concelho. As novas funcionalidades deste espaço certamente que influenciarão as vivências desta zona da cidade. As propostas que hoje apresentamos, e os comentários que fazemos em relação aos projetos previstos para o morro do castelo, não incluem, por isso, esse edifício nem as suas potencialidade enquanto lugar âncora neste contexto urbano. Deve, no entanto, ser tido em atenção que os serviços municipais alojados na casa do conde, daqui a 5 anos, sairão dali. É urgente pensar como e quem vai ocupar este espaço. Para quê e para quem? A resposta a estas perguntas pode condicionar ou potenciar tudo o que se passe ali à volta, no morro do castelo. Quarteirão artes-cultura ou quarteirão cultural, - do morro do castelo até ao teatro Virgínia, fazendo a ligação entre a "alta", edificada, histórica, e o cinturão verde/rio. História, cultura e artes constituem o coração do quarteirão artes-cultura, uma trilogia difundida através de monumentos, sítios arqueológicos e espaços museológicos, galerias de arte, espaços associativos e área de criação artística, performativa. Nesta lógica do "quarteirão cultural" incluem-se, então o castelo, o terreiro de Santa Maria, a "casa do conde" (paços do concelho), o "prédio Alvarenga" e os edifícios em frente (hoje ocupados pelos serviços técnicos municipais), o museu municipal Carlos Reis (casa Mogo de Melo + CEPTON, futuro núcleo de arte), a quintada Lezíria (espaço associativo) e a antiga central do Caldeirão. Embora sem definição de planos de utilização e dinamização do castelo, e projeto apresentado pelo município de Torres Novas, no âmbito do PEDU, para vencer as dificuldades de acesso ao castelo de Torres Novas parece-nos, globalmente, positivo. Consideramos que a maior valia deste projeto é, efetivamente, facilitar o acesso a esta estrutura, monumento nacional, a todos os visitantes, incluindo os cidadãos com mobilidade reduzida. "Elevador" (A): Abandonar a "perspetiva de síntese" entre o ambiente medieval e o novo equipamento. Partindo do princípio que permitir o usufruto do castelo por parte de cidadãos com mobilidade reduzida é um imperativo, parece preferível que se assuma a opção elevadora, sem um revestimento cujo artificialismo é evidente. (B): Equacionar a sua relocalização. Diminuição da volumetria do equipamento. Facilidade de transporte e estacionamento junto do mesmo. A ADPTN corrobora a alternativa B proposta pelo associado João Bracons, detalhada em documento próprio, apresentado ao município. "Rampa" (A): Eliminação deste equipamento. Evitar a multiplicação de elementos contemporâneos em torno do castelo. Minimização de custos, reduzindo a área da necrópole a interencionar no interior do castelo. "Escadaria" (A): Concordamos com a criação deste acesso ao castelo. Advertência: acautelar a minimização de impactos sobre o património arqueológico.</p>
68	<p>Sobre a "Zona 4 - Escadas e Plataforma de Acesso ao Castelo", é com agrado que vemos a preocupação e vontade em criar uma infraestrutura que permita o acesso a pessoas com mobilidade reduzida ao castelo, no entanto, achamos que deve ser estudada uma alternativa mais minimalista que não constate tanto com o património imóvel já existente.</p>

69	<p>Não são necessários mais acessos ao castelo para além caqueles que existem. Mas, para o transporte de bens e pessoas com mobilidade reduzida, no local onde se pretende colocar aquela inestética torre e elevador que não sugiro, porque não, abrir um túnel com entrada na muralha junto da torre/elevador propostos que viesse a sair/ou entrar próximo das traseiras da alcaidaria com uma suave inclinação que pudesse dar acesso a carrinhos de rodas. Tal túnel seria construído atrás da muralha da cerca de S. Maria e no local da proposta torre. Desde há muitos anos que os torrejanos galam de um acesso, pela Rua de 1º de Dezembro, ao espaço exterior do Castelo. O edifício demolido em frente da antiga garagem da Rodoviária abriu uma nova frente através da qual se poderá subir até ao Castelo. Escadaria? Rampas? Mas primeiro têm de construir o muro de suporte que nunca foi feito e fez ruir a barreira. Quanto ao espaço exterior ao castelo com frente para Trás-os-Muros, 1º de Dezembro e traseiras da Santa Casa, proponho que se mantenha aberto durante o período de dia e seja encerrado no mesmo horário do castelo para impedir abusos e vandalismos. para isso era necessário construir uma vedação e portão na entrada do lado do largo das traseiras dos Paços do Concelho já que do lado da Misericórdia existem um portão. Manutenção precisa-se!</p>
70	<p>Era preferível arranjar a torre envolvente do castelo "traseiras".</p>

Nº	Comentário
1	<p>Mais um projecto em que não se pensa na manutenção dos equipamentos e do espaço. Parece-me desnecessário uma cafetaria, na proximidade existem muitas, e uma esplanada em deck. Um WC sempre limpo chega. Numa cidade onde o município não consegue ter um, um único WC público limpo, apresentável e que não envergonhe os seus habitantes, continua a projectar pensado unicamente no agora esquecendo o amanhã, o futuro... Como se diz na gíria popular, “quem vier atrás que feche a porta”... Será por ser ano de eleições??? Lamentável...Lamentável também, o prazo dado para discussão pública após a divulgação dos projetos é manifestamente pouco dado a importância e dimensão dos mesmos.</p>
2	<p>A criação de uma horta comunitária seria uma excelente ideia, dando lugar a um espaço de encontro de inter-geracional com carácter de recreio,lazer e aprendizagem de usufruto colectivo. Contribuindo o município deste modo com uma acção de preocupações ambientais, auto-sustentável e com todos os benefícios bio-psico-sociais inerentes à usufruição e produção neste espaço. Retratando fisicamente, um percurso natural do rio para a terra, culminando com o produto final no mercado municipal.</p>
3	<p>Acho que deveriam pensar em cobrir a cobertura do parque de estacionamento , com um espaço verde .Os telhados verdes pressupõem, assim, coberturas ajardinadas, revestindo-se os edifícios com camadas de terra e um coberto vegetal, por cima de uma camada de impermeabilização e de drenagem. Podem ser intensivos e parecer-se com jardins vulgares - com árvores e lagos, até , ou então extensivos, com recurso a plantas com pouca ou nenhuma manutenção às quais basta um sistema de rega do tipo gota-a-gota. De uma maneira ou de outra, esta solução, dizem os apologistas, promove um melhor isolamento térmico e acústico, atenua o efeito de calor urbano e permite o aproveitamento da água das chuvas. As plantas ajudam a transformar dióxido de carbono em oxigénio, diminuindo a concentração de poluentes na atmosfera. É um pequeno pulmão numa cidade e mais graciosa a vista.</p>
4	<p>Deixo aqui a ideia de reconstrução das tarambolas existentes junto à ponte da Bacora e ponte da Lamego , criando assim uma mais valia turística para a cidade .</p>
5	<p>É de salutar a intenção de tornar esta área num espaço verde! É uma ótima opção por parte da CMTN. Consideramos também uma boa opção de tentar manter o figueiral e as ruínas junto ao edifício do Caldeirão e a de criar um acesso nesse local entre o futuro parque e a zona onde está a tarambola. Esta passagem irá criar maior fluidez na deslocação pedonal, e um novo acesso ao centro histórico. A intenção de criar aqui “um ponto de distribuição de mobilidade suave” (cf. site do PEDU), também é de sasaudar, e entendemos que este tenha em consideração todos os principais modos de mobilidade suave - transportes públicos, de bicicleta e pedonal. Como Biólogos, consideramos que, durante o processo de implementação do parque, é essencial garantir que as árvores existentes - sobretudo as mais antigas - sejam mantidas. Seria contraproducentes (além de um gasto de dinheiro desnecessário) que se cortassem árvores já existentes onde se quer criar um espaço verde. Além disso, as árvores existentes na linha de água são o garante da sustentação das margens, e retira-las ou corta-las seria igualmente contraproducente. Esperamos que a CMTN garanta que isso não aconteça. Como moradores da zona histórica na envolvente do rio, é de referir igualmente o apreço que os cidadãos têm pelo aspecto da área ribeirinha arborizada. Passam diversas aves silvestres, como gorazes, corvos marinhos e guarda-rios por esta zona da cidade, aves que muitos Torrejanos apreciam a sua presença. De igual modo, gostaríamos de alertar para o cuidado a ter na escolha das espécies de árvores e arbustos a utilizar. É do nosso entendimento, enquanto profissionais da área da Biologia, que deverão ser utilizadas espécies nativas e não exóticas. As nossas espécies nativas estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais, e portanto, exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo (consumo de água, podas, substituição regular, etc). Além disso, estar-se-ia a valorizar a biodiversidade nacional e local (pense-se na promoção da Serra de Aire). Já existem vários viveiros e fornecedores em Portugal de espécies e variedades autóctones, portanto esse não deverá ser um impedimento para a sua utilização. A conjugação de diferentes espécies mediterrânicas - por exemplo, loendros, aroeiras, medronheiros, alecrim, alfazema, choupas, freixos, entre outros - permitiria ter folhagem verde e inclusivamente flores durante quase todo o ano. Acreditamos e defendemos que este espaço verde deveria ir de encontro a um conceito de Parque Urbano e menos a um conceito de Jardim. Mais uma vez, um Parque exige menos manutenção, é mais semelhante a um espaço verdadeiramente natural, tem mais sombras (muito importante para o usufruto do espaço durante grande parte do ano), sendo mais convidativo ao usufruto pelo público - piqueniques, jogos, passeios, etc. Aliás, no documento de esboço disponível para a zona 5 “Almonda Parque” vem precisamente mencionada a intenção de ser um “Parque urbano”. Também enquanto Biólogos, relembramos os compromissos que as autarquias assumiram em termos de sustentabilidade ambiental e redução de gases com efeito de estufa. Áreas arborizadas dão um contributo maior para a retenção de CO2 que áreas arrelvadas, além da já referida poupança de água e outros recursos. Iria portanto, ser um contributo adicional para o aumento dos índices de sustentabilidade da CMTN. Chamamos a atenção que o anfiteatro sugerido para o extremo SW do parque está projectado sem que existam sombras. Se isso for assim executado, vai reduzir a sua utilização como local de paragem e descanso. O facto de ser planeado em aço vai torna-lo quente de Verão e gelado no Inverno e muito pouca gente se poderá sentar nele. Algo que não entendemos, nem concordamos, é com a criação de um espelho de água em qualquer local neste troço do rio. Nem a da reconfiguração da margem do rio perto da ponte do Lamego. Não é claro qual a sua relevância ou pertinência, em termos ecológicos, hidrológicos, ou outro, além da criação do dito espelho de água. Não é este elemento que vai aumentar a usufruto ou atração do local, não tem qualquer função ecológica ou hidrológica (podendo até contraproducente para todas as espécies que habitam o rio), e portanto, é um gasto desnecessário de fundos. Referimos igualmente que o espelho de água existente no Jardim da Rosas está com fraca manutenção, com lixo, e invadido por uma espécie de planta aquática exótica que lhe dá um aspecto poluído e mal cuidado; como tal, o espelho de água a jusante sofrerá desse mesmo problema. Além disto, a técnica proposta para o remate da margem - com gabiões de arame e pedra - está desactualizada e existem melhores alternativas para a manutenção, reforço, ou criação de margens em linhas de água com recurso a técnicas de Engenharia Natural. A Engenharia Natural (Soil Bioengineering em Inglês) é já uma área estabelecida e com provas dadas na recuperação de áreas naturais degradadas. Acarreta menores custos que as técnicas “convencionais”, utiliza materiais naturais (“vivos” como postes de madeira, estacas vivas, entre outros), e permite uma melhor recuperação da margem, e até melhor efeito estético. Existem empresas já especializadas neste tipo de obras, por exemplo a EcoSalix http://ecosalix.pt/, entre outras. Este tipo de intervenção - se necessário, em qualquer troço do Almonda - irá mais em linha com “a renaturalização das margens do rio, a elaborar com base em soluções que visem a sua recuperação biofísica e integração paisagística, criando uma “faixa elástica” de proteção e conservação da linha de água e margens” (cf. Site PEDU). Por fim relembramos que o piso dos dois caminhos planeados seja adequado para deslocações em cadeira de rodas e carrinhos de bebés. Nomeadamente, os caminhos Norte-Sul estão planeado em “pedra de várias dimensões”, sendo este tipo de pavimento das superfícies com maior atrito e de mais difícil mobilidade. Nuno Curado - Biólogo, MSc em Biodiversidade e Sustentabilidade; Sabrina Carvalho - Bióloga, PhD em Ecologia (e moradores no centro de Torres Novas)</p>

Contributos - Parque Almonda

6	<p>É do conjunto de 6 projectos, aquele que mais seduz e provavelmente aquele que terá maior impacto, na vivência do espaço público da Torres Novas, porque se trata de uma área nobre da cidade, com imenso potencial devido à centralidade e fronteira com o rio e que, no entanto, se manteve tantos anos, como um “balcão” abandonado. Concorda-se com a globalidade do projecto, embora se questione se os moinhos não seriam recuperáveis e não esteja clarificada a articulação com os espaços exteriores da futura Central do Caldeirão - eventualmente poderia haver um prolongamento de um eventual canal, ou outra solução, sendo que em qualquer situação, deverá existir uma ligação pedestre. Na minha perspectiva, idealmente toda a zona ribeirinha da cidade entre o viaduto no final da Av. Dr. João Martins de Azevedo e o viaduto da Av. 8 de Julho deveria constituir um grande Parque Central contínuo com espécies vegetais características por zonas (na quais, o Jardim das Rosas e o Parque Almonda, seriam 2 zonas), com uma ciclovia circular, um mini-zoo com animais característicos da fauna ibérica, e um percurso de exercícios ao ar livre e naturalmente diversas esplanadas. O mercado semanal teria de libertar o espaço actualmente utilizado como estacionamento paralelo à Av. 8 de Julho e as áreas degradadas propriedade de particulares teriam que ser objecto de alteração para integrar pelo menos parcialmente a valência de espaço verde, junto à margem do rio. '</p>
7	Esta requalificação parece muito benéfica para a comunidade! Ótimo trabalho!
8	Este é daqueles locais que tem de ser intervencionado, não concordo com o espelho de água que querem fazer, nem com a torre que lá querem colocar, espero que escolham bem as árvores que lá vão colocar e que rectifiquem o material que querem utilizar no caminho pedonal.
9	Este é um bom espaço, para se fazer um jardim com ligação pedonal ao Jardim da Avenida, com passagem também pedonal, por baixo da Ponte da Levada, para melhor se apreciar a Tarambola e a Cascata do Açude Real.
10	Este espaço tem de ser de fato intervencionado, mas esta solução proposta, vais de encontro a um enorme desperísimo para a sua manutenção, não podem existir estas áreas de arrelvamento, torres Novas no verão atinge com muita facilidade temperaturas de 40°C. Acho que para além deste passeio no meio deste espaço deve existir um junto do rio.
11	Excelente iniciativa, mas para além de cultural, deve ser aproveitado também numa vertente comercial por forma a garantir a frequência de população neste espaço, pois parece-me que será a fórmula para o sucesso.
12	Fazer aqui uma extensão do nosso Jardim da avenida, com ligação ao longo do rio, passando por baixo da ponte da Levada, para melhor se apreciar a tarambola e a cascata do Açude Real.
13	Grande projecto para a fantástica cidade de Torres Novas !! Parabéns pela excelente iniciativa !!
14	<p>Hoje, felizmente, em quase todas as famílias há animais de estimação (ou de companhia). Para quem opta pela companhia de um, ou vários, cães depara-se com o problema de não ter um local específico para passear os seus companheiros. Começa a ser prática comum de alguns dos nossos municípios a criação de locais próprios para que os donos possam levar os seus cães não só para passear como também para efectuar as suas necessidades, bem como socializar com outros cães. A proposta, recentemente apresentada, para a requalificação do Almonda Parque prevê na sua extensão a criação de várias áreas ajardinadas/relvadas. Parte dessas zonas, nomeadamente junto à rotunda dos Heróis de Diu, podia ser aproveitada para a instalação de um parque canino. Abaixo apresentam-se dois endereços da internet onde se poderá observar de 2 parques já instalados na zona de Lisboa. https://www.doglink.pt/noticias/parque-canino-de-s-pedro-do-estoril https://www.doglink.pt/noticias/primeiro-parque-canino-da-cidade-de-lisboa TNV 27_01_2017 JOAO_FERREIRA info@jpfarquitectura.com</p>
15	Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem. Parabéns
16	mexer neste espaço sem equacionar a recuperação o moinho do Duque, não é um projecto serio, mexer neste espaço sem construir uma azenha (roda) onde em tempos houve várias não corresponde à nossa historia.A ponte que liga as duas margens deve sair do topo do parque Almonda até à Travessa da Bâcora, com dois vãos. deve ser previsto um canal de agua junto ao caminho pedonal. A vegetação deve incluir vegetação autóctone.
17	Muito bem pensado! Espero que seja concretizado!
18	Nas áreas ribeirinhas seria de ponderar a aplicação dos princípios da Engenharia Natural, em oposição à utilização de betão.

19	<p>No que diz respeito à “Zona 5 - Almonda Parque”, parabenzamos a intenção de tornar esta área num espaço verde acessível a todos os Torrejanos e seus visitantes. Também é com agrado que verificamos a intenção de manter o figueiral e as ruínas junto ao edifício do Caldeirão, bem como a de criar um acesso nesse local entre o futuro parque e a zona do centro histórico, o que irá facilitar a deslocação pedonal e ciclável entre os dois espaços. Consideramos fundamental que durante o processo de implementação do parque sejam valorizadas e mantidas as árvores já existentes principalmente as mais antigas, uma vez que estas contribuem para a manutenção da biodiversidade do local e as árvores da linha de água têm um papel relevante na sustentação das margens, nesse sentido, retira-las ou corta-las seria desaconselhado. Gostaríamos ainda neste ponto de alertar mais uma vez, para a importância na escolha das espécies de árvores e arbustos a utilizar, sendo aconselhável a escolha de espécies autóctones e não exóticas, uma vez que as nossas espécies estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais e nesse sentido exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo (consumo de água, podas, substituição regular, etc), escolhendo as nossas espécies valorizamos a biodiversidade local e contribuimos para a manutenção do equilíbrio do ecossistema. Gostaríamos que o anfiteatro planeado para o extremo SW do parque contemple a existência de árvores (sombras) para que a sua utilização como local de lazer fosse mais convidativa. Aachamos que o facto de ser planeado em aço o poderá tornar quente no Verão e gelado no Inverno o que não permitirá à população que se sente e usufrua do espaço. No que diz respeito à criação de um espelho de água neste troço do rio, na nossa opinião não se adequa uma vez que poderá colocar em causa parte do ecossistema aqui existente, tanto a nível da fauna como da flora, podendo assim dar origem a problemas de nível ecológico. Nesse sentido, a nossa sugestão será uma intervenção mínima no local que promova a diversificação de habitats na zona de transição entre as áreas terrestre e aquática. Também a técnica proposta para o remate da margem (com gabiões de arame e pedra) pensamos ser desadequada e que deverá ser estudada uma opção que envolva a utilização de técnicas de engenharia natural de intervenção menos pesada, com bons resultados ao nível ambiental e ecológico, assim como economicamente menos dispendioso. Por fim, relativamente ao piso dos caminhos pedonais previstos para esta zona, seria importante estudar alternativas mais ecológicas que o betão para permitir maximizar a infiltração nas áreas verdes, assim como pisos que se adequem aos cidadãos com mobilidade reduzida. A Direcção da 30POR1LINHA - Associação Sociocultural e Ambiental'</p>
20	<p>No que se refere ao belíssimo jardim de Torres Novas e à avenida que o bordeja, por favor não o estraguem. Faz parte do que de mais belo tem a cidade e a ideia estapafúrdia de o alargar à custa da avenida que já não é larga é absurda, talvez fruto de uma noite de pesadelos. Limitem-se a fazer o que não têm sido capazes de fazer em boas condições: manutenção, limpeza e actualização de pormenores. Caso a ideia seja o aumento da área de jardinagem para dar trabalho a quem deles trata, façam-se novos jardins, como os nossos antepassados fizeram este, estendendo para montante e para jusante ao longo do rio. Mas não estranguem o que herdaram dos nossos antecessores.</p>
21	<p>O Almonda Parque faz parte da história da cidade. A localização do edifício de estacionamento hipotecou uma boa solução para o mesmo, mas este projecto acaba com qualquer hipótese de recuperação deste espaço. Bosque de figueiras? Tenham dó... O dinheiro deve estar mesmo barato para os lados da CMTN!</p>
22	<p>O FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens, tendo por base a informação disponível referente ao PEDU para Torres Novas, vem por este meio procurar dar o seu contributo na presente discussão pública, esperando que as futuras intervenções, para além de permitirem melhorar a fruição do espaço e valores naturais em presença por parte do cidadão, possam manter a sua função ecológica, nomeadamente no que respeita ao contínuo fluvial essencial para a manutenção de espécies da flora e fauna, assim como no que respeita aos serviços de ecossistema prestados pelos sistemas de água doce, como é o no caso concreto do rio Almonda. No que respeita à proposta em si, existem alguns aspetos para os quais tecemos algumas considerações. No que concerne aos remates de margens que no PEDU preveem a reconfiguração da margem do rio, no Parque do Almonda, com a introdução de muretes em gabião com plantações associadas, utilizando espécies naturais das margens das linhas de água. Somos da opinião que deverá ser estudada uma opção que envolva a utilização de técnicas de engenharia natural de intervenção menos pesada, com bons resultados ao nível ambiental e ecológico, assim como economicamente menos oneroso. Em território nacional, são inúmeros os exemplos de sucesso, como os do Rio Tinto, Tâmega, Douro, Pranto, entre outros, já foram apresentados e propostos a este município no ano transato, como uma possibilidade de aplicação para o Rio Almonda. Ainda no que respeita às alterações previstas no PEDU para toda a extensão das margens do rio Almonda, somos da opinião que deverá ser ponderada uma opção de intervenção minimalista e pontual, com retirada de exemplares que tenham problema fitossanitários, com problemas de formação e/ou espécies exóticas, privilegiando a manutenção de um contínuo arbóreo com os espécimes de espécies autóctones já existentes ao longo das margens, e eventual reforço, melhorando as áreas de sombra no canal em período de estio e promovendo a diversificação de habitats na zona de transição entre as áreas terrestre e aquática. Ao nível da flora, não existindo um conhecimento concreto sobre o destino do restante conjunto arbóreo presente nas actuais áreas ajardinadas, será importante que em caso de necessidade de abate e substituição de espécimes, seja estudada a opção de instalação de espécies de árvores e arbustos autóctones, mais adaptadas ao clima e condições locais, e portanto, exigindo menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo, e cuja valorização no que respeita à biodiversidade local é maior. Para finalizar, relativamente aos caminhos pedonais previstos, seria importante estudar alternativas ao betão, que sejam mais ecológicas permitindo maximizar a infiltração nestas áreas verdes, sendo expectável que existam alternativas mais favoráveis ao nível económico e ambiental. 16 de Fevereiro de 2017 A Direcção do FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens Patrícia Silva e Cheila da Luz (delegadas FAPAS - Torres Novas)'</p>

Contributos - Parque Almonda

23	O projeto é exequível, deveria ter começado há muito. Na m/opinião,o espaço deveria conter também restauração além de cafetaria, com esplanadas frescas e, porque não, uma zona de cinema ao ar livre. Materiais: ferro, vidro, pedra e madeira. Evitar o PVC. Ideia: promover um espaço que receba luz e aberto ao rio, com repuxos de água (por exemplo no rio) para os dias quentes de Verão.
24	Projecto do Parque Almonda . Afigura-se-nos o mais consensual mas para o qual gostaríamos de propor algumas alterações que no essencial têm a ver com o seu modo de fruição . Em lugar de um caminho pedonal único de ir e vir , que parece corresponder mais a um "limpo" desenho de composição do espaço (?), porque não uma organização que permitisse outros percursos . Cremos que um deles poderia bordejar a margem do rio Almonda possibilitando uma perspectiva sobre o mesmo em qualquer ponto e não somenamente no promontório projectado que parece não fazer sentido quando logo a seguir temos uma ponte . Deveriam ser criados locais/equipamentos de paragem e descanso, nalguns casos talvez ao longo da margem rio . Sendo um parque onde poderão brincar crianças não deveria existir uma guarda de protecção, seja sob a forma de gradeamento ou de murete, que respondesse também à questão anterior ? Tendo em conta a sua localização urbana , é de duvidosa rentabilidade econômica a implantação de uma esplanada/cafetaria naquele local, pelo que poderá num curto prazo transformar-se numa estrutura desactivada . Dado que analisamos projectos elaborados em separado e com escassos elementos não nos é possível verificar se está contida uma idéia, que nos parece interessante , de ligação pedonal do Parque Almonda à ponte do Duque , passando nas traseiras do antigo lagar, hoje discoteca, e saindo à ponte da Levada . Estas sugestão de alterações não porão em causa o conceito que o projectista tem para o parque : um só caminho "longitudinal", zigzagueante, cortado transversalmente por percursos perpendiculares ao rio ? '
25	Seguramente um espaço a visitar, convidando ao lazer, mas fazendo ponte à zona de comércio de forma agradável, incentivando o investimento e desenvolvimento.
26	Solução bastante harmoniosa, bem enquadrada, bem delineado e constituindo uma importante mais valia não só para os habitantes mas também para os visitantes da Cidade.
27	Sugiro o aproveitamento das ruínas existentes e com potencial para surgir daí uma novo olhar sobre esta zona que sem dúvida de ser intervenionada e não a estrutura em deck sobre o rio, também me parece que o anfiteatro junto de uma rotunda não seja o melhor. Vale a pena visitar as ruínas e porque é muito interessante o que ainda lá existe.
28	Visto que é para motivar mais as pessoas para uma vida saudável deveria ter máquinas de exercício
29	Um espaço verde bem aproveitado nessa área seria algo importante visto a proximidade à rodovária, assim, seria um grande foco para os jovens e ainda idosos
30	É um projecto de melhoria da paisagem, porém pouco necessário.
31	Acho uma boa iniciativa
32	Podia ser usado para um skate parque
33	Na minha opinião este espaço poderia ser complementado com a colocação das máquinas de exercício que estão à frente da biblioteca municipal no local do jardim de maneira a ajudar as pessoas a praticar exercício físico num local mais abrigado.
34	Achava interessante que houvesse um parque de diversões para as crianças visto que os outros todos já estão danificados
35	Concordo em absoluto com a proposta
36	Concordo plenamente, já é hora do Almonda Parque ser reabilitado é uma pena aquela zona ribeirinha estar tão degradada.
37	Um jardim atrás do Almonda Parque é uma boa ideia para motivar as pessoas a sair para passear e num espaço tão amplo era boa ideia a construção de um skate parque para dar oportunidade desse desporto se expandir em Torres Novas
38	Para se cumprir a função de fruição com o rio deve ser eliminada a barreira visual criada com o piso superior do parque de estacionamento cuja utilidade é nenhuma. O espaço deve integrar zona de acolhimento/descanso para os visitantes com entrusamento com o "Centro de ciência viva".
39	Esta zona devia ser reconstruída e fazer um sítio para as crianças irem para lá se divertir.
40	Pelo seu carácter de utilidade histórica, o Almonda Parque urge ser devidamente aproveitado. No entanto não me parece viável o recurso ao arrelvamento, uma vez que é um pavimento que carece de bastante manutenção, sob o risco de denegrir a área.

Contributos - Parque Almonda

41	<p>O programa preconizado para o Almonda Parque é de reabilitação do espaço, tendo em vista a promoção da utilização do Almonda e das áreas adjacentes, conferindo-lhe valências de recreio e lazer de usufruto coletivo; assume a necessidade de articulação do terminal da Rodoviária com o centro histórico e prevê ainda a requalificação das pontes sobre o rio Almonda. Antecipa, ainda, que a ligação ao centro deve ser concretizada com a renaturalização das margens do rio, através de soluções que visem a sua recuperação biofísica e a integração paisagística, criando a faixa elástica de proteção e conservação da linha de água. Do que foi apresentado pelo município, considera-se que foi desconsiderado o objetivo de renaturalização das margens, optando pela estabilização das margens através de gabião, e que não são consideradas as árvores que restam da galeria ripícola original. O zonamento apresentado preconiza margens com arbustos e herbáceas, desvalorizando o estrato arbóreo natural das margens ribeirinhas. É opinião da ADPT que este é um espaço de intervenção prioritária, mas que deve ser intervencionado no sentido de criar um espaço verde, com as características de parque, mais do que de jardim, onde se priorize o rebaixamento das margens do rio, permitindo-lhe a tal elasticidade citada. Do ponto de vista patrimonial e da memória do lugar condizera-se pertinente o aproveitamento do moinho dos Duques. Jardim equipado/Proposta alternativa - parque/Assumir este espaço como de transição, com pequenas bolsas de usufruto coletivo. Socalcos em gabião ajardinados na margem/Proposta alternativa - Margem rebaixada que mimetize um plano aluvial normal e que permita a natural progressão das águas. Relvados amplos/Proposta alternativa - Prados e bosque - Mais fáceis de manter, a opção deve ser por um espaço verde que evolua naturalmente ao invés de um jardim com níveis elevados de manutenção. Árvores existentes/Proposta alternativa - Devem ser mantidas ou repostas - Desconsidera-se no levantamento as árvores presentes na margem do rio. Plantação de arbustos e herbáceas. Proposta alternativa/Manutenção dos choupos existentes e plantação de árvores ripícolas. Desenvolver a cintura verde ribeirinha conforme estipulado nos documentos do PEDU; promover a renaturalização das margens com a implementação de galeria ripícola bem estruturada (árvores, arbustos e herbáceas). Margens. Proposta alternativa/Utilização de engenharia natural/Nos sítios onde manifestamente não for possível reproduzir uma margem baixa propõe-se a utilização de técnicas de engenharia natural para fazer a contenção de terras, permitindo a sua regeneração e evolução natural com plantação e sementeira de espécies ripícolas. Açude. Manutenção do curso de água existente/Não está demonstrado o impacto de mais um açude no rio, não são evidentes os ganhos estéticos e funcionais de alargamento do espelho de água do Almonda neste local. Não se conhece estudo hidráulico que demonstre a nulidade deste impacto. Esta opção surge como uma liberdade criativa do projetista. Quisosse nas traseiras do Trampolim. Retirar/ A sobrecarga do rio com mais um espaço edificado e deck sobre o rio não se coaduna com a sensibilidade do local. Moinho dos Duques/Manter e estabilizar as estruturas do moinho, instalar a cafetaria no seu interior e usar as escadas existentes para acesso à cobertura com esplanada./Aproveitamento da memória do lugar e das suas especificidades para qualificar a utilização do espaço. Nova valência/criar 6 talhões para horta / Recuperar parte do espaço que já foi utilizado como zona de hortas, com o intuito de provocar uma utilização não urbana do lugar e instigar a população a usar este espaço verde com fins produtivos. No caso de não haver utilização, o espaço pode deixar-se como laboratório para apreensão da evolução natural da vegetação ribeirinha.</p>
42	A área envolvente do Almonda Parque é de aproveitar para partes de um parque para desportos radicais.
43	O projeto é um jardim tipo chapa três, igual a todo o lado, sem nada diferenciador. A solução apresentada vai provocar a dotação de 2 milhões de litros de água em regas. Neste espaço em 4 000m2 merece um pequeno jardim botânico. O tema para o jardim será o matagal mediterrânico com as 32 espécies que se encontram na Serra d' Aire. Em relação às árvores, eles podem ser um mínimo de 40 e a sua solução deve ter em conta a reação do solo.
44	Se for para benefício da população acho bem.
45	Uma preocupação com a manutenção do grande relvado proposto. É indispensável orçamentar a manutenção desta intervenção - e das outras - para que se possa garantir a sua viabilidade nos próximos anos. Procurar maximizar o binómio: Qualidade da intervenção/baixo custo de manutenção.
46	Faz todo o sentido recuperar esta zona ribeirinha, não me choca o que está previsto fazer.
47	A zona ribeirinha deve privilegiar a vivência do rio e facilitar a manutenção dos espaços. Este espaço está localizado numa zona onde poderiam ser incluídos bancos e mesas para estar/passar/esperar.
48	O espaço verde e caminho pedonal é uma boa ideia mas para que isso fosse utilizado em todos os aspetos, também poderia existir algum tipo de café ou estabelecimento onde as pessoas de qualquer faixa etária passem o tempo.
49	É um projeto totalmente aprovado uma das melhores remodelações.
50	Ter zonas sentadas para se conxixer, ler, estar em família...
51	Concordo, acho que é uma ideia útil e que estimula a realização de feiras e mais coisas nesta área.
52	Deveria ter mais passeios pedonais, e deveriam pensar separa a passagem pedonal da ciclovia.
53	Visto que esta área será um espaço verde, deveria de ser colocado bebedouros, bancos e suportes para apanhar dejetos dos animais.
54	Deveria haver neste local parque infantil e de ginástica.
55	Considero que a elaboração de um parque semelhante ao Jardim das Rosas é uma possibilidade plausível. Poderá incluir os instrumentos de ginástica e uma ciclovia.
56	Este espaço precisa de uma intervenção, mas uma vez mais um relvado enorme, uma passagem no meio e ao fundo uma estrutura em Deck sobre o rio, porque não aproveitar as ruínas existentes e dar-lhe dignidade/nova vida fazendo delas a cafetaria/bar/esplanada e não o "bosque de figueiras" figueiral como se cá na terra proposto. Com alguma imaginação de certeza que estas ruínas serão uma mais-valia para este parque. Também outro anfiteatro como o do jardim das rosas?????Só que neste caso junto a uma rotunda com ruído dos carros a passar põe em causa qualquer espetáculo que aí se possa fazer. Mais uma vez se coloca o problema da sustentabilidade económica. Porque não fazer um parque de desportos radicais que os jovens tanto gostam por exemplo mas outras ideias não faltam certamente. Este parque tem um potencial enorme e não é explorado pela proposta apresentada. Esta proposta e a proposta de reabilitação do Nogueiral nem parece de um torrejano, mas de alguém de fora que não conhece as vivências e os hábitos das pessoas desta terra.
57	Poderá ser prevista uma ponte aérea, pedonal, entre o edifício Galinha terminal Rodoviária e o Parque Almonda e futuro Jardim Urbano previsto. Objetivo: ligação pedestre entre a rodoviária e o centro histórico.
58	1. Considerando que naquela zona o rio Almonda vai ser alargado e aumentado a sua fundura. 2. - Considerando que a prática da pesca desportiva atrai muita gente a Torres Novas. 3. O Almonda Parque reúne condições tal como no passado, para a prática da pesca desportiva. 4. Propõe-se a definição de pesqueiros no local de acordo com a planta anexa colocando-se uma plataforma de 10 em 10 metros de madeira tratada ou pedra fixas ao solo para permanência do pescador com a medida de 1,5m x 1,5m. 5. Esta associação pode dar todas as informações técnicas para este efeito.
59	Incluir mesas de piquenique, bancos de piquenique, bancos para que, as pessoas se possam sentar. Uma zona didática para os animais de estimação, como por exemplo um bebedouro.
60	Esperava-se mais usos para o espaço. Esperava-se e sugiro uma definição mais clara do conceito do Parque, para que possa ser mais atrativo e temático. O desenho do caminho não é apelativo.

Contributos - Parque Almonda

61	A área devia ter sido alvo de um projeto que consolidasse o Almonda Parque e a sua frente. Tal não foi executado e embora seja pertinente para o local, não se entende o arrelvamento, já que os jardins da cidade encontram-se ao abandono, exceto o da avenida (alvo de projeto também).
62	Não concordo pois deveriam de por mais parques e zonas onde as pessoas se podem sentar para fazer um piquenique.
63	O projeto pensado para esta área, na minha opinião é bastante positivo deveria existir um parque com atal faixa (caminho), um café e um ringue podendo até pensar num parque infantil.
64	Se for um parque com árvores, ok.
65	É uma ideia que é engraçada deveria ter mais cafés/esplanadas, para as pessoas poderem usar o espaço!
66	<p>Um espaço com muitas vilas e cidades queriam ter e que nós rentabilizámos. Com o que resta do espaço anexo ao parque de estacionamento tem de ser possível criar ali uma zona de lazer, arborizada e com relva. Deve-se aproveitar a água do rio para as regas. Propõe-se que as velhas árvores, de grande porte, sejam removidas e eu estou de acordo quanto ao alargamento do rio e elevar o volume de água, mais meio-metro, o que vai permitir a prática de pesca desportiva como no passado. Proponho que a nova margem do rio seja feita em estacaria de pinho verde, como já o foi há muitas dezenas de anos ou em pedras colocadas bem encostadas umas às outras. A margem visível deve ter 1,5 metros a contar da superfície da água e permitir a colocação de plataformas em madeira tratada ou lajes de pedra (de 10 em 10 metros) para a prática de pesca desportiva e realização de provas como na avenida. Pelo que, para além da avenida, da antiga Nery e Lapas seria uma mais valia que permitia incluir mais pescadores em provas desportivas. O muro em frente ao Edifício Parque deve ser reconstruído e mantido o restante que nada afetam a prática da pesca desportiva. (Deve ser consultada a Associação "Os Amigos do Rio Almonda" para este efeito). Chamamos a atenção da Câmara que, quantos mais espaços houver para a prática da pesca desportiva mais gente virá a esta cidade onde deixa algum dinheiro na economia local e a possibilidade de se trazerem grandes provas a esta terra será uma possível realidade. Na margem oposta e como as construções existentes foram feitas de costas para o rio manter casas e muros pintados com as cores em uso. Propomos também que, quanto ao Almonda Parque se mantenha o velho Moinho do Duque que seria reconstruído como a seguir mostraremos.</p>
67	<p>Pela presente segue mais um pequeno contributo para o PEDU e este para um lugar que me é muito caro porque lá vi jogar muita vez o nosso desportivo de Torres Novas nos já longíquos anos 50 e 60 do século passado. O Objetivo é fazer uma área de hortas urbanas junto ao rio conforme modesto projeto se é que se pode chamar assim que faço seguir. Faz todo o sentido visto que o local já se chamou de horta de pedra. Se repararem também percuniso a mudança da sinalética do parque para que a saída seja pela rotunda Heróis de Diu a mim parece-me melhor e já tenho ouvido várias críticas pelo fato da saída ser para a rua do Caldeirão com aquela inclinação toda que as pessoas tem que parar na subida e isso causa varios embaraços ainda o ano passado fui eu que tive que sair do meu carro e tirar um carro de uma senhora que não conseguia fazer o ponto de embriagem.</p>

68

No que respeita à zona 5 - Almonda Parque, parabenizamos a intenção de tornar esta área num espaço verde acessível a todos os torrejanos e seus visitantes. Também é com agrado que verificamos a intenção de manter o figueiral e as ruínas junto ao edifício do Caldeirão, bem como a de criar um acesso nesse local entre o futuro parque e a zona do centro histórico, o que irá facilitar a deslocação pedonal e ciclável entre os dois espaços. Consideramos fundamental que durante o processo de implementação do parque sejam valorizadas e mantidas as árvores já existentes principalmente as mais antigas, uma vez que estas contribuem para a manutenção da biodiversidade do local e as árvores da linha de água têm um papel relevante na sustentação das margens, nesse sentido, retirar-las ou cortar-las seria desaconselhado. Gostaríamos ainda neste ponto de alertar mais uma vez, para a importância na escolha das espécies de árvores e arbustos a utilizar, sendo aconselhável a escolha de espécies autóctones e não exóticas, uma vez que as nossas espécies estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais e nesse sentido exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo (consumo de água, podas, substituição regular, etc), escolhendo as nossas espécies valorizamos a biodiversidade local e contribuimos para a manutenção do equilíbrio do ecossistema. Gostaríamos que o anfiteatro planeado para o extremo SW do parque contemplasse a existência de árvores (sombras) para que a sua utilização como local de lazer fosse mais convidativa. Achamos que o fato de ser planeado em aço o poderá tornar quente no verão e gelado no inverno o que não permitirá à população que se sente e usufrua do espaço. No que diz respeito à criação de um espelho de água neste troço do rio, na nossa opinião não se adqua uma vez que poderá colocar em causa parte do ecossistema aqui existente, tanto a nível da fauna como da flora, podendo assim dar origem a problemas de nível ecológico. Nesse sentido, a nossa sugestão será uma intervenção mínima no local que promova a diversificação de habitats na zona de transição entre as áreas terrestre e aquática. Também a técnica proposta para o remate da margem (com gabões de arame e pedra) pensamos ser desadequada e que deverá ser estudada uma opção que envolva a utilização de técnicas de engenharia natural de intervenção menos pesada, com bons resultados ao nível ambiental e ecológico, assim como economicamente menos dispendioso. Por fim, relativamente ao piso dos caminhos pedonais previstos para esta zona, seria importante estudar alternativas mais ecológicas que o betão para permitir maximizar a infiltração nas áreas verdes, assim como pisos que se adequem aos cidadãos com mobilidade reduzida. Esperamos que as nossas sugestões possam contribuir para o melhoramento do PEDU e assim tornar a cidade de Torres Novas num exemplo a seguir em termos de espaços verdes e mobilidade sustentável.

Nº	Comentário
1	<p>A ideia para a zona frente ao Teatro Virgínia parece-me francamente má. Podem não gostar disso, mas existem muitos idosos a quem faz falta o estacionamento mais próximo dos locais aonde se deslocam. E ao contrário do que talvez pensem não está previsto que o número de automóveis se reduza. É mais uma ideia absurda do PEDU. Quanto ao Caldeirão há que pensar a sério em criar condições para que volte a existir ali uma central (mini-hídrica) que sendo moderna com equipamentos de dimensões reduzidas (actuais) talvez seja compatível com outra função, por exemplo na área da restauração (panorâmica).</p>
2	<p>A informação disponível no PEDU para a Central do Caldeirão, é o paradigma, ou se quiserem, o modelo ou o padrão de coisa nenhuma. É por isso que se carimba a utilização do edifício com os seguintes epítetos: Cowork, network, polivalente, serviços, fablab, startup, restauração e bebidas,... e por aí fora. É como disparar aos párdais com uma caçadeira: algum haverá de vir parar ao chão. Inevitavelmente esta zona do PEDU (Central do Caldeirão) faz-me recuar para um tempo não muito longínquo - 2009 (Central do Caldeirão) faz-me recuar para um tempo não muito longínquo - 2009 - durante a administração de António Rodrigues. Nessa altura desenvolvia-se para esse edifício um projeto "Ciência Viva" dedicado à temática da energia. Trabalhei com afinco e "pro bono" para a implementação desse projeto onde foram consumidos ao erário público mais de 200 mil euros - projeto de arquitetura, alterações ao projeto de arquitetura, projeto de conteúdos, indemnização ao empreiteiro... No âmbito desse projeto foram estabelecidos contactos com a Fundação EDP através do diretor do Museu da Eletricidade, Eduardo Moura e, nesse contexto, técnicos da Fundação EDP deslocaram-se por três ou quatro vezes a Torres Novas e elaboraram um projeto para a Musealização da Central do Caldeirão atestando para a importância daquelas instalações. Segundo esses técnicos, a Central do Caldeirão é a única Central Hidroelétrica existente em Portugal inserida em meio urbano e, neste caso no Centro Histórico. Na carta que acompanhou a entrega do relatório à CMTN, Eduardo Moura escreve assim: "O Museu da Eletricidade, Fundação EDP, considera que o projeto se integra no seu programa de constituição de uma rede nacional de museus dedicada ao tema da energia e, nesse sentido, disponibilizou-se para cooperar com o Município."... Mais à frente prossegue a carta de Eduardo Moura " A partir do rio, os temas da energia do ambiente podem ser tratados de variados pontos de vista convocando os visitantes para a fruição de um centro de ciência que poderá existir tanto dentro da antiga central elétrica como no seu espaço exterior."... Por razões que a própria razão desconhece, creio que nunca houve uma resposta do Município à citada carta, que acompanhou o referido relatório. Pode ser que um dia alguém nos venha a explicar a razão para tal comportamento. É por isso que estou em profundo desacordo com o projeto agora apresentado. Sou da opinião que é absolutamente vital estudar a possibilidade de recuperar o projeto de 2009 onde, como foi referido já se consumiram mais de 200 mil euros. Esse seria verdadeiramente um fator diferenciador e com objetivos bem definidos para Central do Caldeirão, capaz de atrair a Torres Novas muitas centenas ou milhares de pessoas '</p>
3	<p>A informação é insuficiente quer quanto ao projecto em si, quer quanto ao objectivo do mesmo. Parece-me que repete a oferta de espaços públicos já existentes.</p>
4	<p>Concordo com a reabilitação deste edifício, não concordo uma vez mais com a utilização de mais restaurantes. deem-lhe outra utilização. Torres Novas, não tem clientes para os restaurantes que atualmente existem. Outro aspecto é a linguagem utilizada, estão só a dirigir-se a um numero restrito de pessoas ou a população em geral? Cowory? Network? Fablab??? Não estudaram em escolas portuguesas? isto devia estar no caderno de encargos. Outra questão? Porque é que não pediram estudos a mais gabinetes para um concurso de ideias. é no meu entender um erro crasso Estamos a falar de obras de sete milhões de euros e para pelo menos uma geração. como é que se pode gastar assim tanto dinheiro sem ter um estudo aprofundado. Na minha opinião mais vale não fazer do que fazer mal. Este foi o meu contributivo.</p>
5	<p>Concordo que haja uma intervenção neste edifício, mas gostaria de ver alguma energia aqui a ser produzida novamente, gostaria também de ver a levada com água desde o açude até à central, não gostei de ouvir falar na apresentação da tal polivalência do edifício, o que quer dizer que para este edifício também não há planos, hoje pode ser uma coisa, amanhã pode ser outra, assim estão a brincar com dinheiro que poderia ser útil noutros locais.</p>
6	<p>Considero os projectos globalmente positivos. No caso da Central, creio que seria interessante no entanto se a componente de geração eléctrica com recurso a energia hídrica, fosse reforçada uma vez que colocaria a cidade num patamar de desenvolvimento em paralelo com as grandes cidades europeias, onde a geração distribuída constitui o futuro da produção eléctrica.</p>
7	<p>É, inequivocamente, uma ideia brilhante, uma vez que será uma mais valia para a cidade de Torres Novas e o edifício poderá funcionar como mola impulsional para o empreendedorismo.</p>
8	<p>Este é um espaço, onde se pode fazer um espaço museológico dedicado à electricidade, pois foi a primeira central a fabricar energia para Torres Novas. Poderia colocar ali um gerador para fabricar energia para o próprio edifício, onde há espaço para uma esplanada do lado da horta, um restaurante panorâmico, outras salas com aproveitamentos diversos e não esquecer uma passagem directa para o estacionamento do Almonda Parque.</p>
9	<p>Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem . Parabéns</p>
10	<p>Mais um espaço de polivalências, startups e derivados. O problema deste projecto não é a intervenção no edifício, que há muito se deseja. O problema é a falta de definição nos projectos (algo presente em quase todas as propostas do PEDU) e que se torna evidente neste vazio programático que são os espaços 'polivalentes'. Além disto, não consigo perceber como se pode apresentar um projecto de Arquitectura para um sitio, tendo como base de apresentação a qualidade e quantidade destes esboços aqui presentes. É completamente inadmissível que estes esboços sejam apresentados à população, e ainda mais, é inadmissível um Atelier apresentá-los como um pré-projecto do que quer que seja. Nem se trata de um estudo, de nada. Não consigo conceber que as plantas, o corte (um apenas) e tudo mais não venham providos de informação, de legendagem, de nada. Há uma axonometria que não está, sequer, terminada. É lamentável que seja este projecto entregue desta forma, sem concurso público, a um conjunto de arquitectos que tem a lata de apresentar este documentos - aqui presente na página - como 'primeiros esboços' de uma obra que se pretendia ser tão importante quanto sensível para a cidade.'</p>
11	<p>Nesta zona propõe-se restaurar o antigo edifício da EDP para receber mais uma zona de restauração e um local multiusos. No entanto, visto já outras zonas-alvo do PARU incluírem propostas semelhantes gostaríamos de propôr algo diferente para este edifício. Um edifício com um conceito semelhante ao da LX factory em Lisboa (http://www.lxfactory.com/PT/welcome/), um local onde cultura e criatividade urbana se fundem, criando uma área de dinamismo e lazer que combinam a cultura e o comércio. Este edifício seria ideal para conter tal conceito pois está entre a zona de lojas do centro histórico, a avenida, o futuro parque de skates do almonda (aprovado no orçamento participativo sub-18 de 2016) e ao lado do teatro Virgínia. A obra de restauração poderia deixar o edifício com a sua traça interior, apenas recuperada, e a sua estrutura aberta de modo a permitir que se torne um local de "pop-up stores", crescendo as atividades de mercado local por jovens empresários sem capacidade de alugar lojas que requerem um elevado investimento inicial. Um exemplo português bem sucedido é a LX factory em Lisboa, mas mercados como o de San Fernando em Madrid (http://www.mercadodesanfernando.es) ou o Boxpark (boxpark.co.uk), o old spitafiel (http://www.visitlondon.com/things-to-do/place/449058-old-spitalfields-market), ou até mesmo o Candem market (https://www.camdenmarket.com/shops) em Londres, são exemplos de áreas recuperadas para esse propósito mantendo a traça dos edifícios anteriores. Torres Novas precisa de um sitio que permita fazer experimentações e estudo de mercado por parte de jovens empreendedores na área do retalho e artes. Acredito que um local aberto a uma combinação de cultura urbana com criatividade e moda, celebrando designers e lojistas independentes, seria uma boa aposta. É preciso um local onde se possa experimentar sem custos exarcebados de rendas de lojas que aumentam os riscos de insucesso inicial. Acreditamos igualmente que uma área assim trás e atrai os cidadãos, especialmente os jovens, ao centro histórico. Exemplo disso em Torres Novas é a Hamburgaria da Vila. Uma área de reuniões, network etc para as pessoas que utilizam o espaço seria igualmente útil. Este edifício tem todo o carisma para trazer ao centro histórico o dinamismo tão apreciado pelas gerações mais novas. Sabrina Carvalho e Nuno Curado (moradores no centro de Torres Novas) '</p>

Contributos - Central do Caldeirão e Áreas Exteriores

12	No documento PDF que disponibilizam nesta página, há muito pouca informação sobre a proposta apresentada (a partir da pag. 17). Consiste principalmente em imagens e esboços dos vários pisos, sem informação escrita. Assim é muito difícil qualquer pessoa poder opinar sobre a proposta apresentada... Por favor melhorem a informação disponibilizada ainda durante o período de consulta pública.
13	O esboço apresentado pelos arquitetos Ana Robalo e Ricardo Pereira, embora "muito esquemático", não satisfaz porque pretende ser um "pouco de tudo" e no que concerne aos arranjos exteriores na envolvente do edifício, parece francamente pobre. É essencial que o projecto final preserve a memória histórica das funções do edifício (micro-central hidroeléctrica), por um lado, e por outro, que seja um espaço público efectivamente utilizado e dinâmico: A. Preservação da memória histórica: Na minha perspectiva implica relevar a força motriz, a presença da água e o seu ruído, em cascatas no exterior e no interior do edifício, canais e turbinas no exterior, tirando partido do declive e uma inserção harmoniosa com o rio. Não parece essencial preservar o pomar existente. Deverá ser reservada uma sala que retrate em fotografias e equipamentos, o ambiente da anterior central. Outra sala, ou a própria decoração interior do edifício, deverá retratar um pouco da história da indústria torrejana que nasceu e manteve sempre uma forte ligação ao rio Almonda e afigura-se que a "Central" é o local indicado para esse efeito. B. Funções/utilizações da futura "Central do Caldeirão": Já existe um espaço start-up e não faltam locais para organização de espectáculos e eventos. Parece útil um espaço de co-work, nas creio que seria bom envolver empresas como a Renova, a Digidelta, a Torrejana, ou a NutriGreen, entre outras, na gestão do espaço, tendo em vista dinamizar naquele edifício: O spin-off de empresas da região, a exposição permanente sobre as empresas e o seu contributo para a criação de riqueza e emprego na região e a instalação do Gabinete de Apoio ao Investidor empresarial. Noutra plano, no âmbito de outros objectivos autárquicos, seria útil um gabinete de apoio ao investidor imobiliário, direccionado para a atracção e o apoio à instalação de titulares do estatuto de Residentes Não Habituais, bem como, de titulares de Vistos Gold - é essencial atrair novos investidores e residentes para o concelho - seria útil, um espaço dedicado à ARU, no qual estivesse centralizada toda a informação sobre os edifícios da zona histórica disponíveis para investimento, respectivas condicionantes arquitectónicas, proprietários, etc, enfim um espaço que pudesse contribuir para catalizar a recuperação do edificado e a dinamização da actividade e vivência na zona histórica. '
14	O melhor estudo prévio, sem dúvida a melhor solução pode haver uma ou outra alteração quanto ao uso mas no geral muito bom. Também este espaço necessita do apoio do estacionamento do Teatro Virgínia e do Parque Almonda
15	O projecto da Central do Caldeirão, embora com uma pequena área em redor, talvez por se posicionar mais no âmbito da requalificação arquitectónica e portanto num campo de intervenção espacial mais restrito justifica o benefício da dúvida, sendo difícil fazer grandes avaliações, dada a escassez de informação, resumida a uns breves desenhos ou legendas programáticas. Refira-se no entanto que no projecto da Central do Caldeirão parece ter desaparecido a ideia do Centro de Ciência Viva; será que morreu que mesmo de "morte matada", dando lugar a mais start-ups. Será esta uma nova praga, a juntar aos decks, esplanadas, cafetarias, espelhos de água, auditórios, etc. etc. '
16	Projecto criativo, dedicado à cultura nas várias vertentes, onde se potencia a criatividade. Projecto muito inspirador.
17	Talvez o estudo mais importante dos seis em apreciação. Merece um debate sério, sem pressas. Pode ser importante mais valia para a cidade. Não neste estágio.
18	A proposta que mais me agrada com alguma alteração no uso mas o único sítio é admissível o novo restaurante. Este é sem dúvida a melhor das propostas, mas atenção também este espaço necessita do estacionamento disponível no largo do Teatro Virgínia.
19	Apesar de dispendioso, gostaria de propor a construção de um jardim botânico.
20	Criar quartos e banheiros para os sem-abrigo e familiares necessitados.
21	Criar um espaço não tão "startup" mas de trabalho de grupo de ideias, troca de ideias.
22	Concordo plenamente com a nova proposta, provavelmente um dos melhores projetos a serem definidos, a ideia do espaço de encontro de reuniões ou dos. Concluindo, acho que se deveria colocar um negócio relacionado à cidade de Torres Novas, uma loja de conveniência.
23	De acordo com a proposta.
24	Concordo.
25	Dos projetos apresentados, foi o que mais gostei, apesar de achar que deviam repensar no "Centro de Ciência Viva", como esteve em tempos em agenda, pois seria mais um pólo de atração turística.
26	Globalmente, considero este estudo prévio muito bom. O espaço museológico da antiga central mantém a memória do lugar e valoriza todo o conjunto, é também o único dos edifícios intervenionados com vocação e viabilidade para acolher um restaurante, potenciado pelo terraço junto ao rio. Só não concordo com as Startups aqui, se for necessário mais salas para as startups, o local ideal será o edifício 2, dos atuais serviços municipais. Aqui deveriam ser contempladas pequenas salas para sede de associações culturais e desportivas locais, que promovem o associativismo e o voluntariado.
27	Todas as iniciativas que enriqueçam o património municipal, deverão avançar dentro do possível.
28	Evitar a criação de espaços multiusos ou polivalentes - Deixar espaços amplos para a ideia do "logo se vê" é francamente prejudicial económica e funcionalmente. Por outro lado, deixar as áreas totalmente preparadas com todas as infraestruturas necessárias para todo o tipo de usos é pouco razoável e dispendioso. Startup criativas. Disponibilizar salas para associações de cariz artístico ou agentes artísticos informais - Solução para a falta de sedes, espaços de reunião/trabalho para as associações/grupos dedicados à criação e à produção artística, performativa e plástica. Sugere-se que as associações/grupos partilhem espaços mediante uma agenda contratualizada entre os grupos. Manutenção da ideia do restaurante/bar - Para potenciar o uso do laranjal. Núcleo interpretativo - Espaço interpretativo da memória do lugar enquanto EIAL, mas também sobre o rio, enquanto elemento estruturante no território. "Sala de ensaio" ou "Black Box" - pequena sala de espetáculos experimentais - Exige para camarins e zona técnica; colmata a falta de uma sala com estas características na cidade. Complementa o Teatro Virgínia. Sala para apresentação de trabalhos dos produtores artísticos locais.
29	De longe o melhor projeto, ou a melhor ideia, não existe muita informação sobre o mesmo. Há-de avaliar também o orçamento desta requalificação.
30	Concordo, mas não deveria ter sala de espetáculos, pois já é existente no Teatro Virgínia e na Biblioteca. Poderiam era aproveitar este espaço como um museu pois atrai mais turistas.
31	Mais despesismo. Pior o centro histórico, Vocês são uma pouca vergonha!!! Rua!!!

Contributos - Central do Caldeirão e Áreas Exteriores

32	Não concordo.
33	Não conheço muito bem esta zona, mas na minha opinião em vez de uma zona para teatro ter o tal restaurante e zona comercial.
34	A apresentação deste projeto, sob a premissa de ante-projeto, ou esboços iniciais, tornou-se na imagem do conjunto dos projetos do PEDU. "A pressa é inimiga da perfeição"
35	Acho que deveriam pensar mais nas salas que vão ter podiam meter salas relativamente a temas e não simplesmente de estudo ou convívio.
36	Cem ceticismos, a melhor proposta do ponto de vista da utilidade. Um espaço confortável e útil para todos.
37	Desde que abra uma restaurante vegetariano, tudo bem.
38	Seria intressante aproveitarem o local para a implementação de um museu que retratasse a vida dos trabalhadores na altura em a central funcionasse.
39	Concordo em absoluto com a proposta.
40	Criar um "centro de ciência viva-central hidroelétrica do caldeirão" pela requalificação do edifício de modo a manter/possibilitar a real ponderação de energia eléctrica. Um auditório aceita-se a sala de exposições sobre a história da central para acolher visitas de estudos guiadas e explícitas da central em funcionamento.
41	Acho que é uma bellissima ideia, mas não acho que seja prioritário, talvez o orçamento que está destinado para aqui possa ser distribuído por zonas que merecem mais atenção.
42	<p>Proponho, em primeiro lugar, que a vala que parte de junto do Açude Real até aos antigos moinhos do caldeirão seja reabilitada para não haver fugas de água;</p> <p>Que a antiga central eléctrica produza electrecidade usando as turbinas e reparando-se o material técnico existente, para ser ela mesmo, um centro de ciência viva como constava nos projetos anteriores;</p> <p>Que o antigo moinho do Duque ou dos Duques seja reconstruído, repondo-se a antiga azenha, bem visível em fotos antigas e o moinho posto a funcionar usando-se a água que corre também na vala para a central eléctrica. Deve-se recorrer a fotografias antigas para a reconstrução. Quero aqui salientar que há muitas câmaras municipais que apostam na recuperação de moinhos e lagares como forma de preservar a sua memória histórica industrial e temos grandes condições para isso. Ainda há tempos visitei o recuperado moinho de Leiria junto ao Lis, que foi de grande ruína, e que, além de moer cereal com a força das águas que entram pelas adufas de um açude, também fabrica papel nos métodos tradicionais moendo farrapos e outros materiais pouco resistentes. Esse moinho é explorado em parceria com uma moleira que produz vende farinha e pão quente que ali é cozido. Por sua vez, o cereal que ali se mói, é fornecido por agricultores locais. Mantendo-se o Moinho do Duque, uma ligação entre a ponte do Duque e o Almonda Parque poderia ser feita através do antigo barracão da EDP emgrente á ponte saindo-se no local onde se encontra um muro junto das antigas bilheteiras do Almonda Parque.</p> <p>Finalmente a manutenção, Fazer coisa que impliquem pouca manutenção e e menos despesas em energia eléctrica e usar a energia produzida na central em tempos de maior enchente do rio. Evitem-se canteiros, relvados ou separadores onde não sejam necessários. Evitem-se candeieiros com duas lâmpadas, usar-se a tecnologia Led. Torna-se necessário reforçar o quadro de pessoal do pessoal no setor dos parques e jardins para não acontecer o abandono de certos locais recentemente construídos por falta de manutenção.</p>